

Miguel Torga

BICHOS

PLANETA De AGOSTINI

Digitalização e arranjos:

Ângelo Miguel Abrantes

Angelo.abrantes@mail.telepac.pt <mailto:Angelo.abrantes@mail.telepac.pt>

(5 de setembro de 2003)

© 2000, Herdeiros de Miguel Torga e Publicações Dom Quixote © Para esta edição: Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Fotocomposição: Marcos C. Guerreiro

Impressão e encadernação: Cayfosa - Quebecor (Barcelona)

Impresso em Espanha - *Printed in Spain*

Depósito legal n.º 197921/03

ISBN: 972-747-845-X

ÍNDICE

Bichos (1940)... 7

Prefácio 9

Nero 11

Mago 23

Madalena 33

Morgado 41

Bambo 49

Tenório 57

Jesus 67

Cega-Rega 71

Ladino 77

Ramiro 85

Farrusco 91

Miura 97

O Senhor Nicolau 105

Vicente 113

BICHOS

(1940)

PREFÁCIO

Querido leitor:

São horas de te receber no portaló da minha pequena Arca de Noé. Tens sido de uma constância tão espontânea e tão pura a visitá-la, que é preciso que me liberte do medo de parecer ufano da obra, e venha delicadamente cumprimentar-te uma vez ao menos. Não se pagam gentilezas com descortesias, e eu sou instintivamente grato e correcto.

Este livro teve a boa fortuna de te agradar, e isso encheu-me sempre de júbilo. Escrevo para ti desde que comecei, sem te lisonjear, evidentemente, mas também sem ser insensível às tuas reacções. Fazemos parte do mesmo presente temporal e, quer queiras, quer não, do mesmo futuro intemporal. Agora, sofremos as vicissitudes que o momento nos impõe, companheiros na premente realidade quotidiana; mais tarde, seremos o pó da História, o exemplo promissor ou maldito, o pretérito que se cumpriu bem ou mal. Se eu hoje me esquecesse das tuas angústias, e tu das minhas, seríamos ambos traidores a uma solidariedade de berço, umbilical e cósmica; se amanhã não estivéssemos unidos nos factos fundamentais que a posteridade há-de considerar, estes anos decorridos ficariam sem qualquer significação, porque onde está ou tenha estado um homem é preciso que esteja ou tenha estado toda a humanidade.

Ligados assim para a vida e para a morte, bom foi que o acaso te fizesse gostar destes Bichos. Apostar literariamente no porvir é

um belo jogo, mas é um jogo de quem já se resignou a perder o presente. Ora eu sou teu irmão, nasci quando tu nasceste, e prefiro chegar ao juízo final contigo ao lado, na paz de uma fraternidade de raiz, a ter de entrar lá solitário como um lobo tresmalhado. Ninguém é feliz sozinho, nem mesmo na eternidade. De resto, um conto que te agradou, tem algumas probabilidades de agradar aos teus netos. Porque não hão-de eles tirar ninhinhos quando forem crianças? E, se tal não acontecer, paciência: ficarei um pouco triste, mas sempre junto de ti, firme, na consolação simples e honrada de ter sido ao menos homem do meu tempo.

És, pois, dono como eu deste livro, e, ao cumprimentar-te à entrada dele, nem pretendo sugerir-te que o leias com a luz da imaginação acesa, nem atrair o teu olhar para a penumbra da sua simbologia. Isso não é comigo, porque nenhuma árvore explica os seus frutos, embora goste que lhos comam. Saúdo-te apenas nesta alegria natural, contente por ter construído uma barcaça onde a nossa condição se encontrou, e onde poderemos um dia, se quiseres, atravessar juntos o Letes, que é, como sabes, um dos cinco rios do inferno, cujas águas bebem as sombras, fazendo-as esquecer o passado.

Teu

MIGUEL TORGA

NERO

NERO

Sentia-se cada vez pior. Agora nem a cabeça sustinha de pé. Por isso encostou-a ao chão, devagar. E assim ficou, estendido e bambo, à espera. Tinha-se despedido já de todos. Nada mais lhe restava sobre a terra senão morrer calmo e digno, como outros haviam feito a seu lado. É claro que escusava de sonhar com um enterro bonito, igual a muitos que vira, dentro dum caixão de galões amarelos, acompanhado pelo povo em peso... Isso era só para gente, rica ou pobre. Ele teria apenas uma triste cova no quintal, debaixo da figueira lampa, o cemitério dos cães e dos gatos da casa. E louvar a Deus apodrece, a dois passos da cozinha! A burra nem sequer essa sorte tivera. Os seus ossos reluziam ainda na mata da Pedreira. Chuva, geada, sincelo em cima. Até um lebrão descarado se fora aninhar debaixo da arcada das costelas, de caçoada! Ah, sim, entre dois males... Já que não havia melhor, ficar ao menos ali. No tempo dos figos, pela fresca, a patroa viria consolar a barriga. Gostava de figos, a velhota. E sempre se sentiria acompanhado uma vez por outra. Não que fizesse grande finca-pé naquela amizade. Longe disso. A menina dos seus olhos era a morgada, a filha, que o acariciara como a uma criança. A velha toda a vida o pusera a distância. Dava-lhe o naco de broa (honra lhe seja), mas borrava a pintura logo a seguir: - Ala! E ele retirava-se cerimoniosamente para o ninho. Só a rapariga o aquecera ao colo quando pequeno, e, depois, pelos anos fora, o consentira ao lume, enroscado a seus pés,

enquanto a neve, branca e fria, ia cobrindo o telhado. O velho também o apapricava de tempos a tempos. Se a vida lhe corria e chegava dos bens de testa desenrugada, punha-lhe a manápula na cabeça, meigamente, e prometia-lhe a vinda do patrão novo. Porque o seu verdadeiro senhor era o filho, um doutor, que morava muito longe. Só aparecia na terra nas férias de Natal. Mas nessa altura pertencia-lhe inteiramente. Os outros apenas o tratavam, o sustentavam, para que o menino tivesse cão quando chegasse. Apesar disso, no íntimo, considerava-se propriedade dos três: da filha, do velho e da velha. Com eles compartilhara aqueles longos oito anos de existência. Com eles passara invernos, outonos e primaveras, numa paz de família unida. Também estimava o outro, o fidalgo da cidade, evidentemente, mas amizades cerimoniosas não se davam com o seu feitio. Gostava era da voz cristalina da dona nova, da índole daimosa da patroa velha e da mão calejada do velhote.

- Tens o teu patrão aí não tarda, Nero...

O nome fora-lhe posto quando chegou. Antes disso, lá onde nascera, não tinha chamadoiro. Nesse tempo não passava dum pobre lapuz sem apelido, muito gordo, muito maluco, sempre agarrado à mama da mãe, que lhe lambia o pêlo e o reconduzia à quentura do ninho, entre os dentes macios, mal o via afastar-se. Pouco mais. Com dois meses apenas, fez então aquela viagem longa, angustiada, nos braços duros dum portador. Mas à chegada teve logo o amigo acolhimento da patroa nova. Festas no lombo, leite, sopas de café. De tal maneira, que quase se esqueceu da teta doce onde até ali encontrava a bem aventurança, e dos irmãos sôfregos e birrentos.

- Nero! Nero! Anda cá, meu palerma!

A princípio não percebeu. Mas foi reparando que o som vinha sempre acompanhado de broa, de caldo, ou de um migalho de toucinho. E acabou por entender. Era Nero. E ficou senhor do nome, do seu nome, como da sua coleira. Principalmente depois que o patrão novo chegou, sério, com dois olhos como dois faróis. Apareceu à tarde, num dia frio. Fora-o esperar

na companhia da patroa nova. É claro que nem sequer lhe passara pela ideia a vinda de semelhante figurão. Seguiu-a maquinalmente, como fazia sempre que a via transpor a porta. Habitara-se a isso desde os primeiros dias. Com o velho não ia tanto. E com a velhota, então, só depois de ter a certeza que se encaminhava para os lados da Barrosa. Na cardenha do casal morava o seu grande amigo, o Fadista. De maneira que o passeio, nessas condições, já valia a pena. Enquanto a dona mondava o trigo, chasquiçava batatas ou enxofrava a vinha, aproveitava ele o tempo na eira, de pagode com o camarada. Mas, se ela tomava outro rumo, boa viagem. Com a nova, sim. A farejar-lhe o rasto, conhecera a terra de lés-a-lés. Até missa ouvia aos domingos, coisa que nenhum cão fazia. Aninhava-se a seu lado, e ficava-se quieto a ver o padre, de saias, fazer gestos e dizer coisas que nunca pôde entender. Foi a seguir a uma cerimónia dessas que o doutor chegou à terra. Todo muito bem vestido, todo lorde. Quando viu aquele senhor beijar a rapariga, atirou-lhe uma ladradela, por descargo de consciência. E o estranho, então, olhou-o atentamente, deu um estalo com os dedos, a puxar-lhe pelos brios, e teve um comentário:

- O demónio do cachorro é bem bonito!

Envaideceu-se todo. Mas o homem perdeu-se logo em perguntas à irmã, em cumprimentos a quem estava, sem reparar mais nele. E não teve remédio senão segui-los a distância, num ressentimento provisório. Ao chegar a casa, foi direito ao cortelho. E ali esteve uma boa hora à espera, a morder-se de ansiedade. Por fim, o recém-vindo chamou do fundo da sala:

- Nero! Venha cá!

Era a posse. Havia naquela voz um timbre especial que o fez estremecer. Pela primeira vez sentia que tinha realmente um dono. Contudo, lá arranjou forças para se deixar ficar enroscado na palha, salamurdo, a fingir que dormia.

Mas a ordem voltou logo a seguir, mais forte, mais imperativa:

- Nero!

Ergueu-se. Subiu os degraus da loja e, humilde e desconfiado, apresentou-se.

O fulano acabara de jantar, No prato onde comera, jaziam, apetitosos, os restos do frango pedrês que a patroa velha degolara de manhãzinha. Apesar de o desgraçado ser seu amigo (até em cima do lombo se lhe empoleirava), sentia crescer a água na boca só de ver aqueles ossos descarnados. Misérias... O hóspede, porém, em vez de lhe acalmar a gula pecadora, pôs-se a fazer-lhe festas, a apalpar-lhe a cabeça, a admirar-lhe a grossura do rabo, a examinar-lhe as patas, e rematou a vistoria desta maneira:

- Não há dúvida nenhuma: é um lindo bicho!...

Rosnou, insofrido. Outra vez a mesma conversa de há bocado! Se guardasse o paleio e lhe desse o esqueleto do seu compadre calçudo, melhor fazia!

Deu-lho, e a seguir despediu-o com uma ordem seca, de quem gostava de ser obedecido. No dia seguinte é que voltou à carga, e de que maneira! Não o largou durante uma hora! Começara o calvário da educação.

Correu a princípio ao lenço enrolado, a cuidar que se tratava de uma brincadeira. Mas depois viu que o negócio era a sério, que o sujeito tinha lá qualquer coisa encasquetada.

- Vá buscar, Nero, vá lá...

Fez-se desentendido. E o sacripanta, depois de insistir, de se cansar a ver se o convenciam por bem, larga-lhe uma vergastada rija! A primeira que apanhou...

Seguiu-se uma semana triste. Até que num sábado de madrugada saíram ambos para os montes, ainda enevoados e cobertos de sincelo. Nunca deixara o ninho tão cedo. Gostava das manhãs na cama, mornas, a dormir. O galo acordava-o sempre ainda o sol sonhava, a cantar-lhe mesmo ao pé, quase ao ouvido, uma lenga-lenga parva, estridente, sempre igual. A princípio resmungou. Depois acostumou-se ao fadário e até estimava o despertador, só para ter o prazer de saborear os lençóis. Mas naquele dia foi o doutor que lhe bateu ao ferrolho. Andavam

quase de mal desde a última lição. Mandara-lhe buscar um ovo, e quebrara-o nos dentes, sem querer. E vai logo um puxão valente de orelhas, sem dó nem piedade! Apesar de ressentido por semelhante injustiça, ergueu-se. Comeu a broa e partiu atrás dele. De repente, já nos montes do Pioledo, ouviu um ruído de coisa que levanta voo, seguido de um estrondo de estarrecer. Que ricos tempos! Fugira tão espavorido, tão desvairado, que batera de encontro à cepa duma giesta! Cheio de paciência, e até com certa ternura, o dono, então, chamou-o, acarinhou-o, inculiu-lhe confiança:

- Não tenhas medo, maluco! Sossega, que ninguém te faz mal!

Depois mostrou-lhe no chão um passarolo morto.

- Nero, boca lá, boca!...

Era para ir buscar aquilo, pelos vistos... Desconfiado, chegou-se ao pé.

- Traz cá!...

O bicharoco estava realmente defunto. Deitou-lhe os dentes. O que era a inocência! Tinha cócegas na boca!... De repente, um cheiro forte, penetrante e doce, inundou-lhe as ventas, o estômago, o corpo inteiro! Foi a primeira grande hora da sua vida... Depois disso é que os montes começaram a dizer-lhe coisas que até ali nem de longe poderia suspeitar. Só então ficou a saber que por eles a cabo, nas manhãs doiradas e calmas de Janeiro, era um louvar a Deus de perdizes... E que não havia nada melhor no mundo do que senti-los frios e firmes sob as patas, quando o sangue fervia nas veias e o instinto pedia asas ao vento. Colado àquela dureza gelada, a rastejar e a tremer de emoção, a vida sabia-lhe à maior das venturas. Talvez que em certas ocasiões devesse caçar doutra maneira. Ser mais despachado. Mas sentia as malvadas à frente do nariz, e sumia-se no chão, nem sabia se a esconder-se, se a prolongar o prazer. Porque a princípio ainda cuidou que conseguiria assim agarrar alguma. Depois, não. Finas como órgãos, no melhor da festa punham-se na alheta. E perdeu as ilusões. Apesar disso, nunca deixara de se encolher,

de tentar disfarçar o corpo sempre que as farejava perto, e, muitas vezes, tão estacado ficava, que era preciso o dono empurrá-lo com a ponta da bota grossa.

- Entra, Nero, entra lá... Deita fora!

Não arrancava. Continuava pregado ao terreno, a namorar a imagem adivinhada, a encantá-la com os olhos ávidos e, sobretudo, a fruir aquele gozo de sentir o coração pulsar de encontro às fragas.

Até que uma ordem mais impaciente lhe dizia que eram horas. Dava a pancada. E ficava-se depois a olhar a manhosa erguer-se apressada, rumorosa, e cair daí a pouco, já passada ou feita num molho. Entrava de novo em acção. Num pronto, entregava a pobre ao dono, tal como a encontrava caída - viva ou morta. Nunca um gesto sequer de piedade. Disso pesava-lhe agora a consciência. Se estavam de ponta-de-asa, as desgraçadas fugiam, gemiam, quase tinham voz de gente a pedir compaixão. Nem a alma lhe bolia. A esse respeito, fora sempre surdo e cego. Muitas vezes pensava se não seria por essa razão que lhe acontecera a desgraça do Soitinho! Ninguém as faz que as não pague... Bem que desconfiara logo do outro caçador. Aquele jeito de pegar na arma não lhe merecia confiança, não. Mas mandava quem podia... Segue-se que estavam ainda praticamente a sair de casa, quando um cheiro a perdígão lhe entrou em faca pelo nariz. Estacou ali mesmo, no meio da estrada, voltado para a ribanceira. Ainda se lembrava perfeitamente de ter ficado com a pata direita no ar, paralisada. Depois, a tirar de ventos, foi andando cautelosamente. Até que se encontrou a dois palmos do seu velho conhecido. Era um patriarca manhoso, de esporões em rosário pelas pernas acima, que há anos lhe moía a paciência. Três vezes - em três épocas sucessivas - o pusera a tiro ao patrão, sem valer de nada. O velhaco abria as asas, deixava o chumbo passar, e, sem ninguém mais a afligi-lo, ficava à larga, a criar unto. Desta feita, porém, a coisa fiava doutra maneira. Iam dois, e pudera preveni-los a tempo e horas. E estava então com o focinho em cima do excomungado, quando o parvo do caçar-

reta lhe manda um tiro à cabeça! Ficou ali como morto, e ainda por maior desgraça a ouvir a risada escarninha do albarrão, ao dobrar o cerro, são e salvo! Trinta anos que durasse, não se esqueceria nunca daquela hora. Todo o caminho ao colo do doutor, depois de lhe ouvir dizer:

- Uma estupidez destas, só tinha uma resposta...

Duas semanas de molho, e, diga-se a verdade, também de ternuras, de cuidados, de comidinha da boa. Por fim lá arribou, e a brincadeira ficou-lhe de emenda. Nunca mais correu a foguetes. Quem quer que fosse, podia chamar e assobiar à vontade. Nem se mexia. Às vezes, rilhadinho de vício. Mas não ia. Esperava pelo dono, que atirava quando devia, e vamos indo! Errar, todos as erravam, infelizmente. Ainda estava para nascer o primeiro que se pudesse gabar do contrário. Pelo menos à sua frente... Pexotices de uma pessoa se benzer! Mas, enfim, o dono não era lá dos piores, e largava o tiro na altura própria, honradamente, quando elas repenicavam as castanholas no ar. Por isso, aguardava que viesse.

Nem as lérias do Fadista o comoviam, a sugerir-lhe outras caçadas de menos risco que poderiam fazer juntos pela freguesia... Era um cão que se respeitava, que tinha dignidade. Borgas dessas eram lá com rafeiros, com jecos do fado e do mundo. O que não quer dizer que fosse nenhum maricas! Tratava de arranjar a vida (a sua vida particular) sem dar nas vistas e sem acompanhamentos, que acabavam sempre em cenas desagradáveis. Não que tivesse medo a qualquer dos rufias que costumavam aparecer nessas ocasiões. Se acontecia ver-se metido nelas, batia-se ali como um homem, até que as coisas ficassem esclarecidas. Tocava a quebrados, dava a matar. E nunca ficara do lado dos vencidos! Pelo contrário. Procurava, contudo, afastar-se de rixas e contendas. E dissera sempre que não ao amigo, por sinal um belíssimo animal, apesar da baixa extracção. Morrera há um ano, o desgraçado. Querazia! A guarda espalhou as bolas, e foi a oito. Valeu-lhe a ele estar à argola nessa data. Senão, era uma vez um Nero. Que, para chegar à miséria presente, antes tivesse

morrido também. Ao menos, deixava saudades. Assim, acabava de velhice, podre por dentro, a meter fastio a toda a gente. Se então o levasse o diabo, não haviam de faltar lamúrias e lágrimas naquela casa. Agora, lia nos olhos de todos o desejo de que partisse o mais depressa possível para dar lugar a outro... E quem seria o felizardo que lhe herdaria o ninho? Quem viria ouvir as longas conversas à lareira, no inverno, quando a chuva escorregava dos beirais e o vento norte soprava? Tanto pensara no filho, no seu Jau, para o render ali! Mas o raio herdara os defeitos da mãe: mau nariz e um pouco de sofreguidão. Não se aguentava com elas ao pé. Lá no abocar e trazer à mão, saíra ao lençol de cima: nem sequer o ovo da educação quebrara. Uns dentinhos de veludo. A alegria que tivera a primeira vez que o viu amarrado junto de si! Deitou-lhe o canto do olho, e o pequeno parecia uma estátua: tesó, esticado, o rabo como uma seta... Nos montes da Queda, lembrava-se bem. Iam a mata-cavalos num rasto, quase sem tomar respiração. A prever já o resultado da correria, tentava deitar água na fervura:

- Mais devagar, rapaz, mais devagar...

Mas o demónio tinha os nervos da mãe. Puxava como um dragão pela encosta acima. E ele seguia-o no andamento, a tentar encobrir o estabonado.

- Calma! Calma!

Nada! Aquele cheiro arrastava-o, endoidecia-o.

- Isto não vai a matar, homem de Deus...

Até que chegaram perto do bando. Fez-lhe sinal, estacou, e o garoto ficou-se também. Mas, as perdizes saltaram e, quando o dono chegou, deu com o nariz no sedeiro. À noite, uma grade às costas, coisa que não acontecia há anos. E ao cabo de mais três ou quatro dias de experiência, o doutor deu-o a um aldeagante de Jurjais. Viera vê-lo uma vez, pelo S. Miguel. Pediu-lhe a bênção e contou. Até fominha! Depois lá se foi, coitado. E podia estar ali a receber-lhe o último suspiro e a herdar-lhe o ninho de musgo. Sempre era ter alguém da família ao lado. Assim, morria sozinho, tristemente. Nem o ordinário do galo, com quem

tanta paciência tivera, nem esse vinha! Andava pelo quinteiro, muito asno, muito parvo, como se mesmo a dois passos não estivesse a acontecer aquela grande desgraça. É certo que também ele, Nero, vira morrer o gato, um sem número de frangos e galinhas, e cada ano seu porco, sem o menor estremecimento. A verdade acima de tudo. Mas, desta vez, o caso mudava de figura: finava-se um cão, um cão de caça, um navarro legítimo! Ingratidões... Porque, apesar de perdigueiro, quem tinha ladrado aos lobos, à raposa e à doninha, quando na capoeira parecia a semana santa?! Ele. Ele, Nero, que entregava a alma ao Criador, ali, desdentado, com as urinas em sangue, cego duma vista... E o que ele fora na mocidade! Ágil, asado, até mesmo toleirão... Os enganos do mundo!

Lá dentro frigiam carne. Ouvia bem o chorriscar da gordura na sertã. Dantes, seria o bastante para lhe correr a baba pelas barbelas abaixo. Agora, só a lembrança de torresmos dava-lhe volta ao estômago. Uma perfeita ruína! Estava podre por dentro e por fora... Raio de vida! E o malandro do galo a galar uma galinha! Tivesse ele procedido doutra maneira, quando o parvo era franganote, e já então cheio de proa, e não estaria agora o demo a fazer-lhe macaquices. Mas era feio um navarro dar um apertão num frango. Saiba um homem respeitar-se. Que grande dor de cabeça!... Que peso medonho na arca do peito!... E o corpo mole, sem acção...

Aí vinha a patroa nova observar o andamento daquilo...

Fechou os olhos. Sempre gostava de ouvir o que diria quando o visse como morto...

Ela chegou-se e ficou silenciosa.

Por uma fresta das pestanas espreitou-lhe a cara. Chorava. Desceu novamente as pálpebras, feliz.

E à noite, quando o luar dava em cheio na telha vã da casa, e os montes de S. Domingos, lá longe, pareciam ter já saudade das suas patas seguras e delicadas, quando o cheiro da última perdiz se esvaiu dentro de si, quando o galo cantou a anunciar a manhã que vinha perto, quando a imagem do filho se lhe varreu do juízo, fechou duma vez os olhos e morreu.

MAGO

MAGO

Mago respirou fundo. Abriu o nariz e encheu o peito de ar ou de luar, não podia saber ao certo, porque a noite era uma mistura de brisa e claridade. Mas fosse de frescura ou de luz a onda que bebera dum trago, de tal modo o inundou, que em todo o corpo lhe correu logo um frémito de vida nova. Esticou-se então por inteiro, firmado nas quatro patas, arqueou o lombo, e deixou-se ficar assim alguns instantes, só músculos, tendões e nervos, com os ossos a ranger de cabo a rabo. Arre, que não podia mais! Aquele mormaço da sala dava cabo dele. Punha-o mole, sem acção, bambo e morno como o cobertor de papa onde dormia. A que baixeiras a gente pode chegar! Ah, mas tinha de acabar semelhante vergonha! Não pensasse lá agora a senhora D. Maria da Glória Saneia que estava disposto a deixar-se perder para sempre no seu regaço macio de solteirona. Não faltava mais nada! De resto, ali tinha já a primeira demonstração: ela a ressonar sozinha na cama fofa, enquanto ele enchia os pulmões de oxigénio e de liberdade. É certo que a deixara primeiro adormecer, e só então, brandamente, deslizara dos seus braços para o tapete e do tapete para a rua, através do postigo da cozinha. Uma questão de delicadeza, apenas. Porque, afinal, não havia vantagem nenhuma em fazer as coisas à bruta e ofender quem só lhe queria bem... Que diabo, sempre era a senhora D. Maria Saneia, a que até um fio de oiro lhe comprara para o pescoço! Que, considerando bem, por essas e outras é que chegara àquela linda situação...

- Ouvi dizer que já nem sardinhas comes?!

- Essa agora! É todos os dias...

- E que nunca mais caçaste?!

- Ainda esta manhã...

Piadinhas do Lambão. É claro que os mimos da D. Saneia lhe haviam deformado o gosto... Metia-lhe os petiscos ao focinho, tentava-se! E havia por onde escolher, de mais a mais... Quanto a ratos, que necessidade tinha de perder o tempo, debruçado três horas sobre um buraco, sem mexer sequer a menina dos olhos, à espera dum pobre diabo qualquer que ressonava lá no fundo? Deixá-los viver! As coisas são o que são. Em todo o caso, ainda comia a sua pescada crua e deitava honradamente a mão a uma ou outra borboleta branca, sem falar nas andorinhas novas e nos pardalecos que filava por desfastio na primavera. Que demónio! Mais, seria exagerar.

- Mas que não saís de casa, sempre agarrado às saias...

Na verdade, saía pouco. Outros tempos, outros hábitos. Banqueteava-se e ficava-se pelas almofadas... Digestões difíceis, vinha-lhe um migalho de sonolência... Às vezes tentava reagir. Mas o raio da velha, mal o via pôr o pé na soleira da porta, perdia a cabeça! Parecia uma sineta:

- Mago! Mago! Bicho, bichinho!

Regressava aos lençóis. Contrariado, evidentemente. Mas quê! Era o pão... O pãozinho da boca! Que remédio senão torcer caminho e, com as unhas discretamente recolhidas, continuar as carícias de algodão em rama no cachaço da dona...

- E que deixaste a Faísca!...

- Eu?!...

- Que anda metida com o Zimbro... Pelo menos é o que consta. Que teve até cinco pequenos dele...

- Meus! Muito meus! Do meu sangue!

Pantomínice. Um triste chanato na honra do convento... Paleio de chavelhudo manso... A ninhada pertencia inteirinha ao Zimbro. Até pela pinta se via. Todos com o mesmo olhinho remeloso do pai... Um parrana, realmente, embora o não con-

fessasse. Os mimos da D. Saneia tinham-no desgraçado. Ah, mas a coisa ia mudar de figura! Estava farto de ser desfeitoado. Ainda há bem pouco tempo... Chegara-se ao pé da mulher, disposto a impor a sua autoridade.

- Ouve lá: disseram-me que mós andas a pôr para aí com todo o mundo?!

E recebe esta pelas ventas:

- Bem haja eu!

- Bem hajas tu?!

- Nunca guardei respeito a maricas!...

Só a tiro! Mas a verdade é que a Faísca tinha razão. Lá de ano a ano é que vinha procurá-la, e isto de gado fêmeo quer assistência...

Além disso, pesadão, desconsolado. E até esquecido dos ganidos dessas horas... Uma vergonha!

- Aparece logo à noite, pelo Tinoco... Há reunião... E adeusinho...

- Adeus,.Lambão.

Foi no quintal, à tarde, quando a D. Saneia dormia a sesta. O antigo companheiro, empoleirado no muro, rondava a cozinha da vizinhança, onde assavam carapaus. Por acaso chegara à janela nesse momento, vira-o e fizera-lhe sinal. E o outro, de boa ou de má fé, abriu o saco. Mas há males que vêm por bem. Depois da conversa, pensara maduramente no caso, e ali estava agora disposto a ressuscitar daquela vida perdida em que o destino o metera.

Sim, ali estava, a dois passos do Tinoco, o clube da gataria do bairro. Bem situado, com saída para dois quarteirões, fora fundado pelo maior valdevinos da geração: - o Hilário. Era um telhado corrido, quase plano, amplo, alto, mas de onde se podia cair de qualquer maneira numa aflição. Um achado. Como a casa servia de armazém, o Hilário viu de relance as condições do local. E logo no outro dia os beijos, as mordedelas, os arranhões e os queixumes do cio foram ali.

Bons tempos esses! Namorava então a Boneca, uma gatinha borralheira de a gente se perder.

- Ora viva!

- Miiiau...

- Seja bem aparecida, a minha princesa!

- Miiiau...

Mimo da cabeça aos pés. Mas um reбуçadinho! Depois enrodilhara-se com a Moira-Negra, um coiro velho, curtido e batido. Cada guincho que abria a noite!

- Cala-te lá com isso, mulher!...

Isso calava ela! Acabou por se aborrecer. Por fim veio a lambisgóia da Perricha... Uns trabalhos. Ciúmes, fraqueza, dores de cabeça, o diabo!

- Matas-te, filho, arruinias-te... Palavras sensatas da mãe.

- Muda de vida, homem! Essa excomungada leva-te à sepultura.

Mas quê! O vício pode muito...

Até que a mãe morreu de velhice e desgosto, a Perricha desapareceu das redondezas, e ele foi cair por acaso no quintal da D. Saneia.

- O bichinho está doente. Se calhar é fome...

E a ternura da senhora nunca mais o largou. A princípio ainda tentou reagir; mas, por fim, o corpo, o miserável corpo, acostumou-se ao ripanço. A parva cuidava que era amor correspondido. Melhor fora! Amizade sincera não é com gatos. Simplesmente, quem brinca aos afogados, afoga-se. Com o andar do tempo, a moleza tomara conta dele... Quando reparou, estava perdido. Às vezes apetecia-lhe atirar com os aparelhos ao ar. Infelizmente, as vidas iam ruins. Virava-se um balde de restos, e não se aproveitava uma espinha. Que remédio, pois, senão contemporizar... Mas cara aposentadoria! Considerando bem, melhor fora que o estafermo da solteirona nunca lhe tivesse aparecido. Mais valia andar pelado e a cair de fome, e ser capaz de responder ao pé da letra aos sarcasmos que agora lhe atiravam.

- Olha o Mago!... Olha o milionário!...

O patife do Tareco. Era de o derreter logo ali! A desgraça é que não podia passar da mansa indignação que o roía. Nem forças, nem coragem para mais. E, logo por azar, com o clube à cunha! Parecia de propósito. Raios partissem a D. Saneia e mais quem lhe gabava as almofadas! Por causa delas pouco faltava para lhe cuspirem na cara!

- Com que então de visita aos bairros pobres?! Obra de assistência aos desvalidos, não?...

Até o bandido do Zimbro! Vejam lá! O engraçado! Não contente de lhe roubar a mulher, de lhe pregar um par deles do tamanho duma procissão, vinha ainda com provocações à vista de toda a gente. Ah, mas estava redondamente enganado se cuidava que não recebia o troco devido!

- O cavalheiro seja mais delicado...

- Reparem nas falinhas dele... A tratar os amigos por cavalheiros!

- Amigos?! Eu não tenho amigos da sua laia!

- Pesam-lhe na testa, coitado!

Desembestou. Cego da cabeça aos pés, atirou-se ao abismo. Infelizmente, as ensanchas dó Zimbro eram outras. Tinha raiva, tinha dentes, tinha unhas e fôlego. Contra tais armas, que podia a sanha dum pobre mortal, gordo e lustroso? Servir de bombo da festa... É que nem a primeira acertou! Ágil e musculado, e com a maleabilidade de uma cobra, o inimigo furtou-se à sua fúria e ripostou a valer ao golpe esboçado. Depois, foi o bom e o bonito! A seguir a uma saraivada de investidas traiçoeiras, meia dúzia de navalhadas de liquidar um homem. Só visto! No fim da luta, quando já não podia mais e se confessou derrotado, sangrava e gemia tanto que até um polícia, em baixo, na rua estreita, se comoveu. O clube, esse, parecia doido de alegria. A Faísca rebolava-se no chão, de contente.

Fugiu desvairado pelos telhados fora. A lua, cada vez mais branca lá no alto, olhava-o com desdém. A cidade, adormecida, parecia um cemitério sem fim. Da torre duma igreja saía um pio agoirento.

Jogara naquele lance o resto da dignidade. E perdera. Dali por diante, seria apenas uma humilhação sem esperança. Ele, que tivera nas mãos possantes e nervosas o corpo fino e submisso da Boneca, ele, o escolhido da Moira-Negra, ele, o companheiro de noitadas do Hilário, ele, Mago, relegado definitivamente para o mundo das pantufas e dos tapetes! Proibido para o resto da existência de pensar sequer numa baforada da húmida frescura que agora lhe atravessava as ventas e lhe deixava cantarinhas no bigode... Condenado para sempre ao bafio da maldita sala de visitas da D. Saneia! Negra sorte! E tudo obra do coirão da velha... Se não fosse ela, em vez de ir ali esquadrihado e a mancar da mão esquerda, estaria no Tinoco a soltar ganidos como os outros, depois de ter feito o Zimbros em pedaços... Assim, arrastava-se penosamente por aquele caminho de desespero, tal e qual um moribundo a despedir-se da vida... Miséria de destino! Vexado, vencido, retalhado no corpo e na alma... E tudo obra do estupor da santanária!...

Vinha rompendo a manhã. Um sino ao longe deu seis horas. Abriam-se as primeiras janelas. Grandes laivos avermelhados anunciavam a chegada próxima do sol.

Parou. Lambeu a pata doente e sacudiu-se, num arrepiado. Uma lassidão profunda começava a invadi-lo. Maldita D. Saneia!... Se nunca tivesse conhecido tal sujeita...

Olha, olha, a enevoar-se-lhe a vista!... Queriam ver que ia desmaiar?!

Encostou-se a uma chaminé, e ficou algum tempo sem dar acórdio de si, a arfar penosamente. Até que uma onda de energia o trouxe de novo ao mundo. Arregalou os olhos. Estava melhor, felizmente! Já enxergava claro outra vez. Podia continuar.

Em que trabalhos o metera o raio da velha! E louvar a Deus safar-se com vida da brincadeira... Coça valente!... Por um triz que não se ficava... Muita resistência tinha ele ainda!

A alguns metros apenas do jardim da casa, cuidou que tornava a desfalecer. E só então é que reparou: deixava um rasto de sangue por onde passava...

Fez das tripas coração, e lá conseguiu equilibrar-se e chegar ao pequeno muro que vedava o paraíso da sua perdição. Saltava? Não saltava? Que infâmia, regressar aos mimos da D. Saneia! Que nojo! Que ordinarice!

Mas a que propósito vinham agora semelhantes escrúpulos e recriminações? Sim, a que propósito? Fartinho de saber que nem sequer lhe passara seriamente pela cabeça a ideia de resolver o caso doutra maneira! Ao menos fosse sincero! De resto, que esforço concreto fizera para se libertar? Nenhum. Ainda não havia uma dúzia de horas, ouvira a voz do Lambão como um eco da própria consciência... E, afinal, ali estava outra vez! E viera de livre vontade... Ninguém o obrigara... Já roído de remorsos? Ora, ora! Outro fosse ele, nem aquela casa encarava mais. E voltara! Sim, voltara miseravelmente... E à procura de quê? Da paz podre dum conforto castrador... Que abjecção! Que náusea!

E, sem querer, sem poder aceitar a sua degradação, Mago entrou pelo postigo da cozinha e foi-se deitar entre os braços balofos da D. Saneia.

MADALENA

MADALENA

Queimava. Um sol amarelo, denso, caía a pino sobre a nudez agreste da Serra Negra. As urzes torciam-se à beira do caminho, estorricadas. Parecia que o saibro duro do chão lançava baforadas de lume.

Madalena arrastava-se a custo pelo íngreme carreiro cavado no granito, a tropeçar nos seixos britados por chancas e ferraduras milenárias. De vez em quando parava e, através dum postigo aberto na muralha das penedias, olhava o vale ao fundo, já muito longe, onde o corpo lhe pedira para ficar, à sombra de um castanheiro. O corpo. Porque a vontade fizera-a atravessar ligeira a frescura tentadora da veiga e meter-se animosa pela encosta acima. Tudo estava em chegar a Ordonho a tempo da sua hora. Por isso, era preciso reagir contra a própria natureza e andar para diante, custasse o que custasse.

Galgada a custo a última rampa, Madalena encarou com terror a imensidade da montanha descarnada e hostil. Cada fragão de estremecer! Blocos desmedidos, redondos, maciços, acavalitados uns nos outros, num equilíbrio quase irreal, ou então dispersos, solitários, parados e silenciosos pelo planalto além.

Começara a sentir as dores de madrugada, vagas, distantes, quase gostosas. E, a esse primeiro aviso, resolvera partir. Já agora, por mais um pouco, era levar a cabo aquele timbre. Sabê-lo, até ali, só ela e Deus. Nem o maroto que lhe fizera o serviço desconfiava. Sempre fora senhora do seu nariz. Dera o tropeção, é

certo, mas em seguida conseguira esconder a nódoa dos olhos do mundo - a nódoa maior que pode sujar uma mulher. E nem mesmo ele suspeitava sequer do que se passava. Dias depois da desfeita, quando se lhe chegou com olhinhos de carneiro, a querer repetir a façanha, pô-lo a andar, sem de longe ou de perto tocar em tal assunto.

- Escusas de teimar: pega ou larga de vez. Se te não presto para uma coisa, também te não presto para outra... Resolve. Cães no rasto é que não quero!...

Fez-se desentendido. Lá casamento, isso não era com ele. Tinha a mãe, tinha as sortes, tinha a vida encalacrada.

- Pois então...

E virou-lhe as costas. Servir-lhe apenas de estrumeira, consentir que se utilizasse dela como de uma reca, não. É verdade que a disfrutara por inteiro naquela maldita tarde... Paciência. O que é, comera por uma vez. Danado, ainda rosou. A engolir as palavras, deu a entender, numa cava, que sim e mais que também. De pouco lhe valeu. Ela cortara de tal maneira o mal pela raiz, que ninguém acreditou nas alarvadas. Graças a essa firmeza, estava quase a chegar ao fim do fadário na consideração de toda a gente. Bastava agora ter coragem e ânimo nas pernas. Não. Nem Roalde, nem o badana se haviam de rir. Dera com o nariz no sedeiro, realmente. Na primeira quem quer cai... Mas tomara a peito manter-se pura daí em diante, e fizera vingar a sua. Nove meses como nove novenas! Preferia morrer, a ficar nas bocas do mundo. Com o correr do tempo, vira-se e desejara-se para manter o disfarce. Os últimos dias, então, pareceram-lhe anos. Felizmente, até esses vencera sem se denunciar. Fechou-se em casa, com a desculpa de andar adoentada, e aguardou que chegasse o momento de largar. E, vinha o sol a nascer, este mesmo sol que agora lhe estonava a carne, metera pés a caminho.

Nem viva alma, ao sair da aldeia! Roalde em peso mourejava nos lameiros e nas cortinhas da Tenaria. O Agosto corria criador. E cada qual gastava-se nos bens, a regar os milhões, as hortas e

os batatais. Em Roalde, graças a Deus, aguinha - era dar ao talhadoiro...

Água!... Se ao menos tivesse um golinho dela naquele instante! Bastava-lhe molhar a boca... já mal a sentia, de tão seca... Era um buraco encortiçado, por onde o ar passava em labaredas. Quase que lhe apetecia ferrar os dentes no toco dum carvalho, a ver se a humedecia.

Chegada ao meio do planalto, as penedias metiam medo. Espaçadas e desconformes, pareciam almas penadas. Uma giesta miudinha, negra, torrada do calor, cobria de tristeza rasteira o descampado. Debaixo dos pés, o cascalho soltava risadas escarninhas.

Estalava de segura. Ao tormento do cansaço e à crueldade das guinadas traiçoeiras que a anavalhavam quando menos esperava, juntara-se uma sede funda, grossa, que a reduzia inteira a uma fornalha de lume. Mas já o seu avô almocreve dizia:

- Na Serra Negra, quem se quiser refrescar, tem de beber o suor...

Simplesmente, o avô era homem e corria o mundo escanchado num macho, com a borracha de vinho no alforge. E ela, Madalena, não passava de uma pobre mulher, que ia ali naquele ermo excomungado, trespassadinha, já sem forças para mais, com o maldito do filho dentro da barriga aos coices. E tudo por causa das falinhas doces do Armindo, daquelas falinhas mansas, repenicadas, que a levaram à desgraça! Ah, magusto, magusto do S. Martinho! Caras lhe estavam as quatro castanhas assadas que aceitara na cardenha da Tapada. O malandro até jeropiga tinha ali à mão! E ela, a tola, comera, bebera e, por fim, rolara na palha aos berros. Mas de nada lhe valera. De todo o jeito, era sempre sobre o seu corpo o corpo rijo do estafermo, tenso, quente, angustiado. E cedera. Um minuto de fraqueza, ou de piedade concedida a tamanho desespero, e ao acordar - perdera o melhor. Mas pronto. Estava feito, estava feito. Levantou-se, sacudiu a saia, e não tugi nem mugiu. Fez de conta que nada acontecera. Só que daí por diante passou a desviar-se das oca-

siões, embora sempre à espera. Calada como um testamento, aguardou que o rapaz viesse falar-lhe a sério. Lá com palavrinhas de amor, não! Batesse a outra porta. E queria os banhos na igreja e o casamento em Janeiro. Sem lhe dizer, é claro, que ficara naquele estado...

Mas o cão só pensava na carniça. Quando voltou, trazia apenas o vício assanhado. E mostrou-lhe o caminho.

- Para isso, vai às da Vila...

Tratou de enfaixar o ventre sob o saiote de lã, e foi vivendo. À noite, na cama, é que em vez de passar contas passava lágrimas... Como vivia só, ninguém, felizmente, dava fé das suas mágoas. E os meses iam correndo. Até que ao amanhecer daquele dia... Mas Roalde não havia de ter o gosto de lhe ouvir os gritos. Nem Roalde, nem o tihoso do senhor Armindo. Não lhes dava essa glória. E ali se arrastava, quase morta, por ermos amaldiçoados, para que tudo continuasse entre ela e Deus. Meteria agora no segredo a Ludovina, a sua amiga de Ordonho, porque de todo não poderia governar-se sozinha em semelhante aflição. Em casa dela teria o filho. E depois... Depois... Ah, mas a sede cortava-lhe o tempo ao meio! O futuro para um lado, vago, distante, irreal; o presente para o outro, urgente, positivo. Água! Tivesse ela à mão a fonte da Tenaria, um olho marinho que fartava os lameiros e ficava na mesma, água a jorros com que matar a sede da boca, do peito, da barriga, do corpo inteiro, e tudo seria simples...

Mas água, só a que lhe inundou de repente as partes, e lhe escorria pelas coxas abaixo, quente, viscosa, pesada...

Estremeceu. Poderia ainda continuar? Poderia ainda arrastar-se, cheia de febre, extenuada, em ferida, pela serra a cabo? E as dores cada vez mais apertadas, que a varavam de lado a lado, a princípio rastejantes, quase voluptuosas, e depois piores que facadas? Não, não podia continuar. Agora só atirar-se ao chão e, como no dia de S. Martinho, rolar sobre a terra em brasa, negra, saibrosa, eriçada de tocos carbonizados, sem palha centeia a quebrar a dureza das arestas, e sem o desavergonhado do Armindo a cantar-lhe loas ao ouvido...

Aguilhado de todos os lados, o corpo começou a torcer-se, aflito. E daí a pouco arqueava-se retesado, erguido nos calcanhares e nos cotovelos, a estalar de desespero. Dentro dele, através dele, um outro corpo estranho queria romper caminho. E, por mais que cedesse e alargasse, o inimigo mantinha-se insatisfeito, a reclamar maior espaço, a exigir as portas abertas de par em par. Sem a piedade dos intervalos de há pouco, as dores pareciam cadelas a mordê-la. De cada guinada vencida, nasciam outras guinadas, como rebentos por uma castinzeira acima. E toda ela era um uivo de bicho crucificado.

Alheia a tamanha angústia, a serra dormia a sesta, impassível. Indiferente ao tempo, que parara ou deslizava sem lhe tocar a pele empedernida, fechara-se num egoísmo desumano. E quando Madalena, ao cabo de uma eternidade cega e raivosa, conseguiu finalmente sair do tronco de tortura, nada mudara. Os fragões sonhavam ainda.

Suava em bica. Escorria das fontes à sola dos pés. O sol já não estava a pino. Ia caindo, agonizante, para os lados do Marão. A última dor morrera há um segundo, ou há horas, ou há semanas? Não sabia. Sabia, sim, que o sofrimento se apagara de vez e a deixara, como deixa o cortiço o enxame que parte.

Nem um som, nem a presença duma aragem a quebrar a solidão que a cercava. Apenas num céu em fim de incêndio um mormaço cerrado.

Abriu de todo os olhos turvos. Entre as pernas, numa poça de sangue, estava caído e morto o filho. Carne sem vida, vermelha e suja. O segredo dela e de Deus!...

Exausta, deixou-se ficar prostrada, a saborear o alívio. As cancelas escancaradas fechavam-se lentamente... Por fim, cansou-se da própria imobilidade. Ergueu-se, então. E permaneceu assim alguns segundos a ouvir o silêncio, como a ver se lá do longe vinha resposta aos gritos desesperados que lançara. Nada! O mundo emudecera.

Com fetos verdes limpou-se. Depois deixou cair aquele pano sujo no charco onde o filho dormia. O pé, sem ela querer, foi

escavando e arrastando terra... Aos poucos, o seu segredo ia ficando sepultado... O pé tentava deslocar agora uma laje que estava ao lado. Era pesada de mais. E as mãos ajudaram... O sol, cada vez mais baixo, lançava os últimos avisos da sua luz. E os olhos de Madalena viram claro. Eram horas de regressar. Eram horas de voltar à aldeia e matar aquela sede sem fim na fonte fresca da Tenaria.

MORGADO

MORGADO

À ceia, o patrão, com cara de poucos amigos, recusara-lhe as festas desta maneira:

- Deixa-te lá de brincadeiras e enche-me esse bandulho, que amanhã de madrugada, nem que chovam picaretas...

Tal e qual. Meteu a viola no saco, claro, e atirou-se ao penso como pôde. Mas não sentia vontade. Tinha ainda no estômago os tojos que despontara à tarde no monte, e andava, sem saber porquê, de coração apertado. Além disso, aqueles modos do dono até parece que endureciam o feno. A gente também vive de boas palavras. E, verdade se diga, gostava do sujeito. Desde que ele, há seis anos, na feira dos vinte e três, o distinguira no meio dum regimento de azémolas e lhe dera uma palmada rija na anca, simpatizara com a sua figura atarracada, vermelha, a respirar saúde e bonomia.

- Quanto custa o jerico?

- Vinte libras.

- Não é estampa para tanto dinheiro. Ai o alma do diabo a desfazer!

- Vinte libras, nem menos um real.

- Deixe o garrano por dezasseis, e já é caro como fogo...

O cigano! Mas logo que o viu contar as dezassete moedas e pegar-lhe à arreata, cantou aleluias. Estava farto das bebedeiras do Preguiças. Cheio até às orelhas de subir a malvada ladeira da Queda a ouvir-lhe as asneiras de bebedolas. Mas era um macho!

Aguentava no lombo quinze alqueires de pão como se fossem quinze alqueires de penas. Estribado nisso, o moleiro, com cardina ou sem ela, nas feiras, punha o preço em vinte libras. Resultado: ninguém o levava.

- Você quer que lho carreguem de oiro!

- É pegar ou largar.

E tinha de regressar à loja, à maldita loja encostada ao moinho, ao lado da roda, sempre molhada e toldada de barulheira, e no dia seguinte trepar novamente a encosta, ao som da ladainha do costume.

Zumba na barra da saia, ó Zé...

Comida - carqueja, palha cevada estreme, e só lá de tempos a tempos uma pitada de grão. Vida negra! Por isso, quando viu o contrato fechado, sentiu-se redimido. E, apenas o novo dono se lhe escanchou em cima e seguiram pela estrada de Peitais, parecia-lhe que tinha asas, de tão feliz. À chegada, logo uma manta a resguardá-lo dum resfriado, e milhão branco e graúdo na manjedoura. Um céu aberto! Evidentemente que não havia só rosas naquela casa. Longe disso! O macho dum almocreve, sabe Deus... Mas, bem comido e bebido, um homem trabalha com alegria. De mais a mais se o patrão, às tantas, diz o seu dito engraçado, a animar:

- Ah! Morgado, que me borras a pintura!

Nem respondia. E assim que o arrocho dava o último apertão à cilha, largava à frente da recua, de pendão erguido.

Desta vez, infelizmente, o caso era mais complicado. A ceia correrá mal, iam sozinhos, e os bons dias foram este consolo, pouco mais ou menos:

- Vamos lá! Vamos lá, que são seis léguas de serra...

Não gostava de semelhantes modos. Arrenegava de viagens mal principiadas. De maneira que recebeu a carga aperreado, e meteu-se ao caminho a malucar no pior.

Tinham passado a última povoação do concelho e seguiam agora pela estrada velha de Arca, sumidos na escuridão, varados

de lado a lado por uma chuvinha gelada e teimosa. Mas o inverno corria daquela maneira: ou nevões de cair a alma de tristeza, ou então um tempo assim, frio, húmido, cortado por lufadas ásperas de ventania. O patrão pegava-lhe à arreata. Ambos calados. Só os passos no saibro duro os revelavam ao ouvido atento das penedias, que escutavam das trevas.

Não se lembrava de ter feito em toda a vida jornada que se parecesse. Nunca lhe acontecera, como hoje, ir com os cinco sentidos num alarme constante. Que raio de madrugada mais tenebrosa! Em vez de encher a alma de esperança, cobria-a de agoiro! E, sem querer, Morgado começou a sentir o corpo arrepiado e a desejar com desespero a luz da manha.

Ah, mas sabe Deus onde viria ainda o dia! Seis léguas de serra, se entendera bem. Pelos vistos, era tirada até ao vale de Vila Pouca. Daí a necessidade de aproveitarem as horas mortas da noite. E todo o pêlo se lhe crispava, à ideia de que faltava muito ainda para que o sol alumiasse a terra e tirasse à caminhada o ar de pesadelo que a tornava infundável. E certo que a presença do dono o sossegava um pouco. Embora o não visse, por causa do comprimento da rabeira e da negrura cerrada, sabia que caminhava à frente, pronto para o que desse e viesse. E que raio poderia acontecer? Tropeçar? Não aguentar a carga? Se fosse apenas isso! Embora pessimamente dormido e com a barriga vazia, nem as pernas lhe quebravam às primeiras, nem três sacos de centeio lhe faziam mozza. Os aborrecimentos que temia eram doutra natureza... Qualquer encontro desagradável, por exemplo...

Nem de propósito! Ele a pensar no mal, e a ponta dum uivo tenebroso a furar-lhe os ouvidos.

Um arrepio fundo percorreu-lhe o corpo. E a seguir, todo ele ficou hirto, frio, pregado ao chão, num pânico mortal. Obra de um segundo, apenas. O justo tempo de a arreata ficar esticada entre a mão que a segurava e o argolão do cabresto. É que reagiu logo. Que diabo! Ia ali quem o defendesse... Não havia razão para um terror assim!

Mas o dono, enigmáticamente, recuava. Aos poucos, encurtava os passos e chegava-se ao seu bafo. Mau!...

Novo uivo, quase sobre eles, fendeu a noite. E ambos, agora como se fossem um só, de tão cingidos, se puseram a pisar o chão ao de leve, encolhidos no bioco da noite, com a respiração suspensa.

Tolice pura, porque de nada lhes valia o disfarce. Morgado sabia-o bem. O instinto já o avisara de que tinham à perna alcateia esfaimada, capaz de farejar a presa a cem léguas de distância. De resto, os uivos eram de tal modo cerrados à volta, que só mesmo um milagre.

Ah, sim, o coração não lhe vaticinava coisa boa do passeio. Há dias que trazia dentro do peito um pressentimento negro. Depois, a repugnância da ceia, o acordar sobressaltado, as horas soturnas do caminho, e, a coroar tudo, o silêncio enigmático e desacostumado do dono...

Mas, precisamente, o dono erguia a voz do poço onde a sepultara:

- Estamos perdidos, Morgado! Raios partam a minha pouca sorte!

Não sabia que razão levava o almocreve a proceder daquela maneira. A que propósito dizia coisas à toa, berrava, batia com força as botas grossas no chão, como se quisesse sozinho fazer barulho por trinta? Talvez tentasse amedrontar as feras, dando a entender que seguia ali um regimento de recoveiros com a respectiva caterva de bestas. Pois sim! Se pensava isso, enganava-se redondamente. Mais por adivinhar que por distinguir, Morgado antevira já uns olhos incendiados de fome a espreitá-los do coração da noite. E o patrão decerto os notara também, porque agora pusera-se a petiscar lume num seixo com a folha de aço da navalha. Como se os lobos tivessem medo das pobres faíscas que lhe saíam das mãos trémulas e garanhas! Se apenas dispunha desse recurso, se não trazia no bolso um daqueles pistolos com que nas feiras, quando havia zaragata, os homens se matavam uns aos outros, estavam liquidados. Ali só mesmo um dos tais

estoiras medonhos que pareciam trovões e desfaziam os ajuntamentos num suspiro. Ou isso, ou nada. Eram já três vultos que vislumbrava na escuridão, calados, mas resolutos.

Ora, em vez de sacar do tal instrumento que, a trinta ou quarenta passos de distância mandava um cristão desta para melhor, o dono, depois do ridículo arraial de pirilampos, chegou-se a ele e, sem mesmo o fazer parar, cortou dum golpe as cordas que seguravam a carga. Os sacos de centeio caíram espapaçados no lajedo.

Que raio de manobra era aquela? Pretenderia o patrão tentar a fuga? Queria trepar-lhe ao lombo e abrir caminho pela serra fora? Nem mais. Mas uma triste ideia, aliás. Ele, Morgado, já não tinha as pernas da mocidade. Muito embora se considerasse ainda um animal capaz de cumprir o seu dever, não lhe pedissem semelhante bonito, depois de três horas de jornada, mal dormido e mal comido, e, ainda por cima, num caminho de pedras e com uma alcateia à ilharga. Tudo tem os seus limites. Além de que um macho não é bicho de correrias. Isso é lá com pilecas de ciganos.

- É o único recurso...

Seria. Mas punha-lhe dúvidas... Em todo o caso, não pensasse o amo que se negava. Não. Galopava à sobreposse, e assim havia de continuar até rebentar os peitos. Se discordava da resolução tomada, é porque realmente estava convencido de que nada se resolvia com panos quentes.

- Anda, Morgado, que eles vêm aí!

Que novidade! Outra coisa é que seria para admirar.

Depois de o aliviar da carga, o dono saltara-lhe para cima, dera-lhe meia volta e metera-o a toda a brida a caminho de casa. Infelizmente, a alcateia fizera o mesmo. E ali iam à destilada também, quase ao lado, cinco lobos medonhos. Ah, o patrão não ter um trabuco dos tais! Assim, era a perdição.

E a manhã sem romper! Levava os cascos em ferida, sentia o suor cair-lhe em fonte pelas virilhas, todo o corpo dizia bonda ao desatino de semelhante desfilada, e nem ao menos um sinal de alvorecer!

Quanto mais corria, mais o vento lhe soprava nos ouvidos. Assobiava de tal modo, que parecia fazer troça daquela fuga desordenada.

- Aguenta, Morgado! Não esmoreças, pelo amor de quem lá tens!

Pois sim. O ponto era poder. Muito embora quisesse valer à aflição do dono, e à sua também, as pernas negavam-se. Por isso, pouco a pouco, foi abrandando o passo, a fazer sabe Deus que sacrifício para não cair redondo no chão.

- Grande ladrão, que me atraíças!

A paga que recebia! Não bastavam as chicotadas secas e contínuas que, com a soga da rabeira, lhe dava na cabeça, nas ancas e onde calhava, ainda um insulto daqueles! Mas chegara ao limite das forças. Batesse, espetasse mesmo a ponta da navalha, à laia de espora, fizesse o que entendesse... Fora até onde podia. Agora...

- Excomungado! Desgraças-nos a ambos! Paciência. Quem dá o que tem...

Um lobo saltara já do barranco para a estrada.

- Minhas ricas dezassete libras...

Não percebeu. Parara exausto, com o corpo em fogo e a cabeça tonta da nortada e das vergastadas que recebera. E não abrangeu logo o sentido verdadeiro de semelhantes palavras numa hora assim.

- A estas digo-lhes adeus...

Mas apenas o almocreve desmontou, e num relâmpago lhe tirou os aparelhos, acabou por compreender que o ia abandonar ali, esfalfado, coberto de suor, indefeso, à fome do inimigo. Salvava a vida com a vida dele... E lamentava as suas dezassete libras!

E, afinal, a manhã vinha a romper!... Só quando viu o dono a caminhar pela serra fora de albarda às costas - não se envergonhar! - e sentiu os dentes do primeiro lobo cravados no pescoço, é que reparou que a luz do dia começara a desenhar as coisas e a dar significação a tudo.

BAMBO

”

BAMBO

O filho do caseiro novo é que lhe fez aquilo. Devagar, muito devagarinho, chegou-se a ele e - zás!: espetou-lhe a estaca nas costas. Depois ergueu-o e, de barriga para o ar, deixou-o ali suspenso a espernear ao sol.

O menino era mau de natureza. Furava os olhos dos passarinhos e cortava as pernas dos saltaricos quando podia. Mas, no caso de Bambo, portou-se assim porque a Joana Angélica lhe encheu primeiro os ouvidos. À noite, na fiada, tanto disse e ladrou dos sapos, do coxo e das feitiçarias, que o pequeno, pela manhã, mal deu com Bambo na horta, varou-o de lado a lado. E o pobre não teve outro remédio senão morrer trespassado na ponta do pau, a servir de espantalho às levandiscas. Com as chuvas, o sol e as geadas apodreceu por dentro, cheirou mal, secou e tornou-se num fole retesado. Uma sementeira mais, e desfez-se em pó.

Bambo, o sapo! Criou-se ao deus-dará, como tudo o que é bom. Sem pressas, confiado no tempo e na fortuna, foi estendendo a língua pelos anos adiante até se fazer o homem que depois era, largo, grosso, atarracado. Trouxe logo do berço os olhos assim saídos e redondos, e aquelas pernas de trás em dobradiça, no mesmo instante um banco ou uma catapulta. E também a boca de pasmo, com que pelas noites adiante engolia a imensidade do céu, lhe veio de nascença aberta e vazia como um poço. Mal gatinhava ainda nas beiradas do charco onde nas-

cera, já o corpo lhe pedia mundo, terras novas. E devagar, moroso, a suar o visco que o defendia de tudo, à chuva e ao vento, umas vezes a morrer de fome, outras entoido de fartura, tanto andou, que não havia segundo da sua criação que tão profundamente conhecesse a veiga de Vilarinho. Contudo, e não se sabe porquê, só aos vinte anos deu entrada na quinta da Castanheira que o tio Arruda trazia de renda. Pelos quinze de Agosto quando os milhões pareciam canaviais... Eram duas da madrugada. A aldeia, adormecida, sonhava. Caía um luar sereno, rarefeito, por sobre o casario negro. Ao longe, as matas do Infantado enquadravam o vale num abraço soturno. Nem a água da mina velha, que corria pela embelga fofa, fazia o mais pequeno barulho. Nada! Um silêncio de pedra! Tio Arruda recordava-se bem do dia, da hora e de todos os pormenores do acontecimento. Por sinal que atravessava nessa altura uma crise de desânimo. À ceia, duas batatas cozidas, apenas. Depois, um homem cansa-se de regar milhão a vida inteira. Uma existência triste, a sua... Sempre a trabalhar por conta dos outros... Ficara solteiro... Convivia pouco... Nisto, ao tornar a água - tchap! Foi a ver - e sai-lhe um sapo!

Simplesmente, Bambo não era um anfíbio qualquer. Embora modesto na escala animal, tinha a sua personalidade. Precatado, discreto, negava-se a cair nos braços do primeiro que lhe desse a salvação.

- Ora viva quem também anda acordado a estas horas!

Não respondeu.

- Na boa da conquista, está-se mesmo a ver!...

Moita. Nunca dera troco a brincadeiras tolas. De resto, não andava às gatas, como o outro insinuava. Amores, só na primavera e na ribeira de Arca.

A desculpa é que tio Arruda desconhecia a vida do futuro amigo. Além de que dizia estas coisas por dizer, sem segundas intenções. Saudava apenas, num alvoroço justificado de solitário, aquela alma que lhe aparecia. Ah, mas Bambo não se entregava assim sem mais nem menos! Na maneira de fitar o interlo-

cutor, no modo reservado como se foi afastando, mostrava claramente que não abria o coração antes de saber a quem.

Contudo, tempos depois, quando se viram de novo no tendal de feijões, tudo correu melhor. Nem sombras da natural desconfiança do primeiro dia, nem nada que se assemelhasse ao retraimento antigo, com o salto por um pêlo a guardar as distâncias. Coisa muito diversa. Agora, Bambo, embora não correspondesse aos cumprimentos, mostrava-se tão urbano, dava tais provas de lhe ter caído bem semelhante encontro, que tio Arruda parecia ter corda na língua.

- Felizes olhos, amigo! Até que enfim! Que ausência foi essa? Grande passeata!

Tio Arruda ignorava que ele, Bambo, passava o inverno recolhido. Que se retirava discretamente num buraco da parede da quinta mal vinha Outubro, e ali permanecia imóvel, calado, sonolento, Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março. Daí a razão de semelhante escarcéu.

Ignorância desculpável, aliás. A gente entende pouco do semelhante. Cada um de nós é um enigma, que a maior parte das vezes fica por decifrar.

Porque, na verdade, Tio Arruda estava diante de um ser complicado. Com os anos é que verificou como eram enganadoras as primeiras impressões. Também ele fizera juízos temerários, fizera! Magia negra, bruxarias, o diabo à meia-noite nas encruzilhadas... E, afinal... Parecia mentira, realmente. Mas viessem ver a realidade. Viessem ver o demónio do batráquio, reluzente de luar e alheado como um poeta... Quem na freguesia inteira passeava assim cheio de calma e de compenetração no silêncio carregado de estrelas? Quem, àquelas horas mortas, se maravilhava de igual maneira, a olhar deslumbrado a poalha de luz da estrada de Santiago, aberta no céu? Ninguém, a começar por si próprio. Há sessenta anos no mundo, e ceguinho como uma toupeira. E os outros na mesma conformidade. Para todos os habitantes de Vilarinho, sem excepção, as noites eram noites - escuridão apenas. E os dias pior ainda, apesar da claridade.

Ricos e pobres nem no brilho do sol reparavam. Comiam, bebiam e cavavam leiras, numa resignação de condenados.

- A vida é assim...

£ a vida, como um fruto, estava cheia de doçura. Mas fora preciso, para o saber, que Bambo lhe aparecesse...

Perguntou-lhe:

- E então agora? Quanto tempo por cá?

Até ao fim das colheitas. Enquanto houvesse um bocado de calor capaz de aquecer o lombo dum cidadão, faziam companhia um ao outro. Punha uma condição: apenas se podiam ver depois de sol posto. Razões particulares...

Tio Arruda achou bem. As noites estavam realmente maravilhosas. A água da mina, pela calada das horas, rendia mais... De maneira que...

Bambo, desde o primeiro instante, manteve o silêncio habitual. E Tio Arruda acabou por entender. Afinal, ali, de pés sobre a melhor terra da veiga de Vilarinho, onde as minhocas engordavam como vacas, palavras só de quem tivesse a lábia do pregador de Passos, que subia ao púlpito e fazia chorar os santos no altar. O raio do homem parecia um saca-rolhas a trazer à tona da consciência o que ia dentro da alma de cada um! Mas, fora esse, ninguém na aldeia sabia abrir a boca. Por isso, mais valia seguir o exemplo do amigo, que era de mudez completa.

E a verdade é que nunca encontrara tanto sentido e beleza às coisas que o rodeavam, como naquelas horas silenciosas. Nelas, até as próprias sombras faziam confidências ao entendimento...

Tio Arruda andara por maus caminhos. Confessou isso honradamente à porta da igreja, no domingo. Riram-se-lhe na cara. Quem havia de acreditar que um sapo fosse capaz de ensinar a alguém a ciência da vida? Impossível. E Tio Arruda, desiludido daquela incompreensão, voltou às suas regas e à comunhão íntima com a natureza. Precisava de chegar ao fim. Necessitava de aprender o resto da lição de Bambo, guarda zeloso dum mundo fremente de germinações. Entender em que medida ele se considerava responsável pelo pequeno grão que caía desamparado

na terra, e até que ponto o rodeava de proteção. Inesperadamente, quando o sol, pela manhã, ao começar o seu giro, coscuvilhava os recantos do planeta, um canteiro, que no dia atrás era chão enigmático, aparecia coberto duma verdura virgem, casta, feita de esperança, água e cor. E só mesmo Bambo conhecia a grandeza do mistério, e o cercava de amor. Nenhuma outra consciência seguira no coração da noite os transe da transmutação germinativa. E nenhuma outra inquietação fazia sentinela ao milagre.

Seduzida e contagiada, a alma do trabalhador abria-se pouco a pouco às íntimas razões dessa comunhão profunda. Até ali, do crepúsculo ao alvorecer, as horas eram feitas de egoísmo e alheamento. Agora, Tio Arruda descobria em cada gomo ou em cada folha a porta dum Sésamo. E tudo obra de Bambo! Ao lado da sua serenidade e do seu apego à terra, do que nela havia de essencial - o dom de fecundar e parir -, ia conseguindo auscultar as imponderáveis palpitações da seiva. Nada de parecido com o interesse mesquinho, utilitário, que sentia outrora diante duma sementeira a despontar. Numa curiosidade progressiva, verificava com espanto que, além da fome, havia outras verdades. E, como Bambo, já não combatia as pragas apenas para salvar a colheita. Deitava enxofre e sulfato nas videiras, simplesmente para defender a vida. É certo que matava vida. Mas unicamente aquela que, errada e parasitária, estava desde a nascença a soldo da morte. Depois, preservado o rebento, expurgada de ervas daninhas a relva tenra do linho, dava largas aos sentidos. E ficava-se também, quieto e deslumbrado, a olhar uma gota de orvalho pousada no cetim de uma pétala, ou a escutar, de ouvido fito, um rouxinol que cantava na Silveirinha...

Assombrado com semelhante transfiguração, o povo começou a falar. E, pela voz do Chico das Eiras, caçoava:

- Como vão esses amores, Tio Arruda? Já há menino?

Nem sequer respondia. Baboseiras, todos as sabiam dizer. Do esforço de descer ao coração das coisas, é que nenhum era capaz.

Mas um dia Tio Arruda morreu. Um resfriado, e ninguém lhe pôde valer. Nem mesmo a lembrança do mestre, que nesse Dezembro nevoso hibernava filosoficamente num buraco. E, com a sua morte, veio novo caseiro e foi-se de Vilarinho o único homem que sabia de ciência certa quem era Bambo, o sapo.

TENÓRIO

TENÓRIO

Esta é a história verdadeira de Tenório, o galo.

Nascido duma ninhada que a senhora Maria Puga deitou amorosamente debaixo das asas chocas da Pedrês, em doze de Janeiro, pelas três da tarde, quando a velhota o viu sair da casca, disse logo:

- É frango.

E realmente. Aquela amostra de crista que trazia do ovo, poucas semanas depois, parecia já uma mitra. E ninguém mais duvidou de que era frango macho. Dos dois irmãos, muito tinhosos, sempre enjeridos, desses é que a incerteza se manteve por largo tempo.

- Que te parece, António?

- Eu sei-te lá, mulher!...

- O da dianteira está-se mesmo a ver. Aquelas três são pitas, com certeza. Agora estes enxalmos...

Frangos também, mas fracos. Mal viam gavião sobre o quintal, metiam nojo:

- Piu... Piu... Piu...

Lá parava a mãe de esgadanhar.

- Piu... Piu... Piu...

Até metidos nos sovacos da progenitora se borravam! Ele, porém, continuava ao ar livre, a desafiar o inimigo, que planava lá no alto.

- Há-de ficar para galo!

L

E a sujeita tinha palavra. Em Maio, por alturas da Ascensão, ao dar de caras com os irmãos degolados e depenados, ainda lhe tremeu a passarinha. Olha que brincadeira! Felizmente que a dona sabia distinguir o trigo do joio, e o deixava para semente... Um futuro bonito, afinal! É certo que não estava nesse momento em condições de apreciar devidamente a grandeza da sorte que lhe coubera. Muito embora a simples certeza de viver lhe enchesse a alma dum confiança cega no porvir, só daí a algum tempo é que viu claramente o tamanho do seu destino. Quando tal compreendeu, cuidou que estalava de orgulho.

Foi num certo amanhecer de Outubro... Que grande dia, esse! Ao cabo de um sono profundo, acordara cedo, ainda mal se adivinhava a alvorada pelo buraco da fechadura. Um silêncio de comunhão. O cheiro forte do mosto que fervia na adega, adocicado, entrava pelo corpo dentro e punha-o a sonhar volúpias. E, no meio da mudez das coisas e daquele perfume de levedação, começou a sentir uma tal ânsia de abrir o peito e cantar, que até cuidou que tinha febre e delirava. Mas não. Felizmente, estava bem de saúde. A estranha sensação que o atormentava era apenas necessidade de se expandir, de anunciar ao mundo não sabia o quê. Aterrado, tolhido de medo e pudor, cerrou a garganta, numa defesa instintiva. Foi o mesmo que nada. Estoirava, se impedisse por mais tempo a saída dum hino de saudação à luz que vinha rompendo! Nenhuma vontade conseguia açaimar o grito irreprimível que o sufocava.

E cantou:

Cá-que-rá-cá!...

Acordou tudo. Foi como se de repente caísse um raio no galinheiro e despertasse a mãe, os irmãos e as primas. Ele próprio, mal a voz lhe voou da boca, se pôs frio. E, à semelhança dos outros, ficou reduzido a uma pergunta e a um pasmo. Mas não acabara sequer de entender o que se passava, e já novo brado a sair-lhe do bico:

Cá-que-rá-cá!...

O som desta vez pareceu-lhe mais são, mais seguro. E acariciou por momentos o desenho fino e agudo das notas que lhe ficaram a ressoar nos ouvidos maravilhados. Repetiu:

Câ-que-râ-câ!...

Qual medo, qual pudor, qual nada! Era ou não era um galo a valer?! Ou não via como, em toda a capoeira alvoroçada, do espanto se passara a um rumor de pura admiração?... Na capoeira e até lá dentro...

- Ouviste o frango, António?

- Ouvi.

Frango! Palmas! O pior é se daí a nada, logo que a patroa abriu a porta do quinteiro, não galou ali à sua frente a Calçada, a madre abadessa de todo aquele gado! É verdade que foi uma galadela à toa, a ferver, trémula, em que nem teve a certeza de ter deixado semente no ovelho. Mas esteve-lhe trepado em cima como um galo! Como um galo que era já, realmente.

Frango! Seriam falsas, se calhar, as penas doiradas que lhe almofadavam o peito, e postigos os esporões que, desvanecido, via crescer dia a dia nas pernas lisas e musculadas?!

Frango!

Foi, de resto, a última vez que a ama se referiu a ele sem a consideração devida. Pouco tempo depois, quando avisou a comadre, já falou doutra maneira.

- Vê se fechas o teu galo, que eu não quero que passe o tempo às turras com o meu!...

Ha?! Pois então! Ali, a dar a mão à palmatória, que não tinha outro remédio! E não lhe fazia favor nenhum. Era um galo, e não cuidasse lá o senhor borra-botas do lado que, por ser novo, lhe havia de andar ao beija-mão toda a vida. Melhor fora! Tirava o chapéu aos mais velhos, mas lá cornambanas, isso é que não! Agora, doesse a quem doesse, santa paciência: ali mandava ele. E muito respeitinho! Mas o outro teimava sempre em manter as regalias antigas, e, ao primeiro barulho que surgiu, a dona preveniu a Teodora. Escusadamente, afinal, porque aquilo só à pancada, como teve de ser.

61

K

Por acaso estava de invernã. uma sinclada como não havia lembrança. E nem assim o safado do vizinho teve mão no vício! Muito agasalhado nas penas, com ar de quem vinha à bisca, apareceu no quinteiro. Mostrara-lhe a melhor cara, evidentemente. Se queria apenas espaiar, dar dois dedos de cavaco, entrasse e ficasse à vontade. O ladrão, porém, pôs as unhas de fora antes de um credo. Mal acabara de lhe dar as boas-vindas, já o bandalho chamava aos peitos a Garnisé! Cegou-se. O cabrão! E ajustaram as contas logo ali.

Mas o patife sabia da poda. Tinha prática, o filho da mãe! Uma girândola de bicadas facinorosas, sem errar uma. E golpes baixos, de rufia. A matar, o bandido! Felizmente que descobriu o jogo a tempo. E, como o primeiro milho é dos pardais, deixou-o arremeter, a desviar-se o mais que podia. Salto adiante, salto atrás, o preciso para ir tentando. O outro, sem perceber a manobra, sempre de espada erguida. Mas já não era criança. Já lhe pesava o papo. Estava aqui, estava como havia de ir. Continuasse. Não fazia mal que o mulhierio do galinheiro, deslumbrado, torcesse pelo farsola. Bicho mulher é assim. Não há que fiar. Esperassem-lhe pela resposta! Até ao lavar dos cestos... Um bom bocado, realmente, foi só negacear o corpo, entreter. E, quando o pedaço de asno começou a perder o fôlego, cansado de um quarto de hora de luta, caiu-lhe em cima como um dragão. E sem olhar a meios! O palerma, a cuidar que levava a melhor! Ora aí tinha. Uma tosa tamanha, que à volta houve um murmúrio de espanto. Mais quatro arrochadas, e lá se foi levado pelo mesmo caminho, num frangalho.

Galo! Galo e duma maneira tal, que agora no quinteiro, mal franzia a testa, tremia tudo! E então lindo! A crista caía-lhe dobrada sobre o ouvido. Um rico brinco de cada lado. E em todo o peito, sobre o papo redondo, um avental de penas que pareciam de pavão! Sem falar nas asas, um primor de beleza, nos esporões que, de brancos, lembravam marfim, e naquela rica voz, legítimo orgulho da dona.

- Muito bem canta o seu galo, Ti Maria!

- Nem há...

Vaidoso e seguro de si, como é natural, já não cantava só ao amanhecer. Cantava ao dar a meia-noite, às tantas da manhã, e várias vezes pelo dia fora.

À meia-noite, era por simples exibição. Àquela hora, gostava de lançar no silêncio recolhido do lugarejo o seu grito escarolado e subversivo. Fraquezas terrenas... Aproveitava a circunstância de toda a gente dormir, para tocar a sentido. E os mortos, claro, ressuscitavam!

De madrugada, abria o peito por grata fidelidade ao amanhecer longínquo em que acordara com a vida a bater-lhe nos sentidos. Não tinha mais consoladora recordação na memória... E festejava-a religiosamente.

Pelo dia adiante, entoava o bendito por motivos particulares... Ah, ele bem sabia que não devia fazer aquilo! Que é feio servir-se a gente dos seus dons naturais para desinquietar lares alheios. Por via disso dera no vizinho a coça que o levava à sepultura, e arranjava sarilhos a cada momento. De mais a mais não tendo necessidade. Quinze mulheres no harém... Que diabo! Mas um homem não se manda fazer. Natureza desgraçada, a sua! Não se fartava! E, quando em casa já tudo se desviava do seu andar de lado, não havia outro remédio senão fazer chegar lá fora um grito de fome. De resto, também gostava de variar... Sabia-lhe pela vida uma extravagância!

- É danado, o seu galo! Onde não chega, manda. Leva as frangas cá do povo a oito...

Era a Júlia Pirraças a falar à dona. Ele ouvia com ar modesto. Por dentro, a babar-se, evidentemente. Quem é que não gosta que lhe louvem as valentias?... Ah, se não fosse o espinho que começava a crescer-lhe no coração!...

- E tenho aí um filho que não lhe há-de ficar atrás...

O espinho. Entusiasmada com aquela virilidade, a velha lembrara-se de lhe aproveitar a casta. Andava a criar um cachopo da penúltima ninhada. E não é que o fedelho crescia e prometia?! Raios partissem a sorte! Quando tudo lhe corria às mil maravi-

lhas - fartura, saúde e paz de espírito - aquilo! Claro: passou a empreender no caso, a afligir-se. Cumpria as obrigações, cantava, dava o seu dedo de conversa, mas às duas por três lá vinha a mortificação. Por mais que tentasse disfarçar, não havia maneira.

- O galo velho tem coisa...

Galo velho! Isto é que era uma vida!... Andava um homem sabe Deus como, roído por dentro, não lhe apetecia arreganhar os dentes, e logo uma sentença sem apelo: - galo velho! Parece que não dera motivos a ninguém para semelhante juízo?!... O mulhredo continuava a aninhar-se mal o via dar meia volta sobre a asa, e ainda nenhuma se queixara de falta de assistência. Pelo menos, que lhe constasse. A não ser que alguma serigaita... Teria a dona surpreendido qualquer pouca vergonha? Precisava de arregalar os olhos.

- Mata-se, e faz-se um bolo. O filho já dá conta do recado... Era o senhor menino, então, que começava a pôr as unhas de

fora! Ah, mas saía-lhe cara a brincadeira! Oh, se saía! Garoto! Um chafedes, ainda com os cueiros agarrados ao rabo, e a fazer-se fino! Ele que o apanhasse com a boca na botija!...

Passou a vigiar o rapaz dia e noite, mordido duns ciúmes de morte. Mas nada conseguiu descobrir. Durante o resto do verão, não teve a menor razão de queixa. O moço portava-se na linha. E pôde respirar com mais sossego.

Ora justamente em Outubro, fazia três anos que se estreara, desabou a trovoada. Acordara para tocar a alvorada. O mesmo silêncio profundo enchia a noite, e o mesmo cheiro forte de mosto toldava tudo. E, ao abrir a garganta, rompe a seu lado um canto tão cristalino e tão puro, que se calou.

- Ouviste o frango?

- Ouvi.

Não havia dúvida nenhuma: a formiga tinha catarro. Ou cortava o mal pela raiz, ou estava perdido.

A manhã vinha a romper e, com a luz do dia, a casa movimentou-se. Às tantas, a velha começou a afiar a faca no alguidar.

Quê? Seria possível?! O raio da mulher teria alma de o degolar?!

Mas ele ainda a pôr o caso em teoria, e já ela a deitar-lhe as mãos.

- *Cá-que-rá-cá!*...

O filho, outra vez. Aquele maldito filho, que a dona não depenara juntamente com os outros irmãos.

L

J

JESUS

JESUS

Comiam todos o caldo, recolhidos e calados, quando o menino disse:

- Sei um ninho!

A Mãe levantou para ele os olhos negros, a interrogar. O Pai, esse, perdido no alheamento costumado, nem ouviu. Mas o pequeno, ou para responder à Mãe, ou para acordar o Pai, repetiu:

- Sei um ninho!

O velho ergueu finalmente as pálpebras pesadas, e ficou atento, também.

A criança, então, um tudo-nada excitada, contou. Contou que à tarde, na altura em que regressava a casa com a ovelha, vira sair um pintassilgo de dentro dum grande cedro. E tanto olhara, tanto afiara os olhos para a espessura da rama, que descobrira o manhuço negro, lá no alto, numa galha.

A Mãe bebia as palavras do filho, a beijá-lo todo com a luz da alma. O Pai regressou ao caldo.

Mas o menino continuou. Disse que então prendera a cordeira a uma giesta e trepara pela árvore acima.

De novo o Pai levantou as pálpebras cansadas, e ficou tal e qual a Mãe, inquieto, com a respiração suspensa, a ouvir.

E o pequeno ia subindo. O cedro era enorme, muito grosso e muito alto. E o corpito, colado a ele, trepava devagar, metade de cada vez. Firmava primeiro os braços; e só então as pernas avançavam até onde podiam. Aí paravam, fincadas na casca rija.

A subida levou tempo. Foi até preciso descansar três vezes pelo caminho, nos tocos duros dos ramos. Por fim, o resto teve de ser a pulso, porque eram já só vergôntas as pernas da ponta.

Transidos, nem o Pai nem a Mãe diziam nada. Deixavam, apavorados, mudos, que o pequeno chegasse ao cimo, à crista, e pusesse os olhos inocentes no ovo pintado. O ninho tinha só um ovo.

Aqui, o menino fez parar o coração dos pais. Inteiramente esquecido da altura a que estava, procedera como se viver ali, perto do céu, fosse viver na terra, sem precisão dos braços cautelosos agarrados a nada. E ambos viram num relance o pequeno rolar, cair do alto, da ponta do cedro, no chão duro e mortal de Nazaré.

Mas a criança, apesar de mostrar, sem querer, que de todo se alheara do abismo sobre que pairava, não caiu. Acontecera outra coisa. Depois de pegar no ovo, de contente, dera-lhe um beijo. E, ao simples calor da sua boca, a casca estalara ao meio e nascera lá de dentro um pintassilgo depenadinho.

E o menino contava esta maravilha com a sua inocência costumada, como quando repetia a história de José do Egipto, que ouvira ler a um vizinho.

Por fim, pôs amorosamente o passarinho entre a penugem da cama, e desceu. E agora, um nada comprometido, mas cheio da sua felicidade, sabia um ninho.

A ceia acabou num silêncio carregado. Só depois, à volta do lume quente do cepo de oliveira em brasido, é que os pais disseram um ao outro algumas palavras enigmáticas, que o pequeno não entendeu. Mas para quê entender palavras assim? Queria era guardar dentro de si a imagem daquele passarinho depenado e pequenino. Isso, e ao mesmo tempo olhar cheio de deslumbramento os dedos da Mãe, que, alvos de neve, fiavam linho.

E tanto se encheu da imagem do pintassilgo, tanto olhou a roca, o fuso, e aqueles dedos destros e maravilhosos, que daí a pouco deixou cair a cabeça tonta de sono no regaço virgem da Mãe.

CEGA-REGA

CEGA-REGA

É difícil. Isto de começar num monturo, e só parar na crista dum castanheiro, tem que se lhe diga. É preciso percorrer um longo caminho. Embrião, larva, crisálida... Todas as estações do íngreme calvário da organização. Animada pelo sopro da vida, a matéria necessita do calor dum ventre. Antes dessa íntima comunhão, desse limbo purificador, não poderá ter forma definitiva. Custa. Mas a lei natural é inexorável. Exige consciência de cosmos antes da consciência de ser. O calor dá no ovo. Aquece-o e amadurece-o. A casca quebra. Depois... Ah, depois é essa descida ao húmus, essa existência amorfa, nem germe, nem bicho, nem coisa configurada. Largos dias assim. Até que finalmente em cada esperança de perna nasce uma perna, e cada ânsia de claridade é premiada com dois olhos iluminados. Cresce também uma boca onde a fome a reclama, e surgem as asas que o sonho deseja...

É difícil, mas vai. Desde que haja coragem dentro de nós, tudo se consegue. Até fazer parte do coro universal.

- Já hoje ouvi a cigarra...

- É tempo dela.

Nenhuma palavra de apreço pela dureza do caminho andado. Paciência. O teatro do mundo tem palco e bastidores. As palmas da plateia festejam somente os dramas encenados. Que remédio, pois, senão a gente resignar-se e aceitar as sínteses levianas. Nascia do tempo. Muito bem. Ninguém mais ficaria a

conhecer a fundura dos abismos em que se debatera. Protoplasma, lagarta, ninfa... Quase que sentia ainda no corpo as fases da transfiguração. Mas pronto, chegou! Agora era receber o calor do presente, e cantar. Cantar o milagre da anódina e conseguida ascensão. E cantava.

A primavera estava no fim e o estio ia começar. As cerejas pontuavam a veiga de sorrisos vermelhos. As searas, gradas de generosidade, aloiravam. Contentes, os ramos relaxavam de vez os músculos crispados, já esquecidos das ventanias do inverno. Havia penugens de esperança em cada ninho. Mas não era a doçura das seivas, a paz vegetal ou animal que saudava. Vencera todos os obstáculos dum árido caminho, sem a ajuda de ninguém. No fim do esforço, nem sequer essa vitória via reconhecida. Por isso, nada devia aos outros, e nada lhes daria, a não ser a beleza daquele hino gratuito.

Ainda no rés-do-chão das metamorfoses, apetecera-lhe contemplar dum alto miradoiro o berço nativo. E começou a subir, a subir, a subir sempre. Depois, serenamente, olhou. Nesse momento, porém, um raio quente de sol caiu-lhe amorosamente sobre o dorso. Contraíu-se de volúpia. E, da plenitude que a empolgou, ergueu-se a voz de triunfo. Não era a vontade que a fazia vibrar. Era o corpo, possesso de contentamento, que, num espasmo total, estridentemente glorificava a própria perfeição atingida.

- Até azamboa a gente!

O senhor camponês, a reclamar. Suado e soturno, a mourejar de manhã à noite, queria silêncio à volta. Tapasse os ouvidos! Nenhuma força humana ou desumana a faria calar. Com que razão? Porquê?

Porque a fome era triste, os dias passavam velozes, e urgia ajudar a natureza a ser pródiga? Imaginem!

Pois que aproveitasse as horas, os minutos e os segundos, num anseio insaciável de fartura. Ela continuaria ali, preguiçosa, imprevidente, num desafio sonoro à sensatez.

- Muita alegria tem tal bicho!

- A alegria passa-lhe... É deixar vir o inverno...

A pressurosa formiga! A coitada! Como se trabalhar fosse um destino!

- E temo-lo aí, não tarda muito.

Evidentemente. Mas que lhe importava? A escolha estava feita. Que as folhas do calendário, como as das árvores, fossem caindo, e que os ceifeiros lançassem as gadanhas ao trigo maduro, numa condenação de galerianos. Que nas tulhas se acumulassem toneladas de grão. Ao lado dos celeiros atestados, ficaria um celeiro vazio. Um símbolo de inquebrantável confiança.

- Mas em quê? - perguntava um pardal suspicaz.

Outro que não compreendia. Outro que só concebia a existência a saltar de migalha em migalha.

- Chega-lhe, Cega-Rega!

O Poeta! Louvado seja Deus! Até que enfim lhe aparecia um irmão!... Um irmão que sabia também que cantar era acreditar na vida e vencer a morte.

A morte que a espreitava já, com os olhos frios do Outubro...

J

LADINO

LADINO

Grande bicho, aquele Ladino, o pardal! Tão manhoso, em toda a freguesia, só o padre Gonçalo. Do seu tempo, já todos tinham andado. O piolho, o frio e o costeiro não poupavam ninguém. Salvo-seja ele, Ladino.

Mas como havia de lhe dar o lampo, se aquilo era uma cautela, um rigor!... E logo de pequenino. Matulão, homem feito, e quem é que o fazia largar o ninho?! Uma semana inteira em luta com a família. Erguia o gargalo, olhava, olhava, e - é o atiras dali abaixo!... A mãe, coitada, bem o entusiasmava. A ver se o convencia, punha-se a fazer folestrias à volta. E falava na coragem dos irmãos, uns heróis! Bom proveito! Ele é que não queria saber de cantigas. Ninguém lhe podia garantir que as asas o aguentassem. É que, francamente, não se tratava de brincadeira nenhuma!

Uma altura! Até a vista se lhe escurecia... O pai, danado, só argumentava às bicadas, a picá-lo como se pica um boi. Pois sim! Ganhava muito com isso. Não saía, nem por um decreto. E, de olho pisco, ali ficava no quente o dia inteiro, a dormir. Pobre de quem tinha de lho meter no bico...

Contudo, um dia lá se resolveu. Uma pessoa não se aguenta a papas toda a vida. Mas não queiram saber... Quase que foi preciso um pára-quedas.

Mais tarde, quando recordava a cena, ainda se ria. E deliciava-se a descrever as emoções que sentira. Arrepios, palpitações,

tonturas, o rabinho tefe-tefe. E a ver as coisas baças, desfocadas. Agoniado de todo! Valera-lhe a santa da mãe, que Deus haja.

- Abre as asas, rapaz, não tenhas medo! Força! De uma vez!

Tinha de ser. Fechou os olhos, alargou os braços, e atirou o corpo, num repelão... Com mil diabos, parecia que o coração lhe saía pelos pés! Ar, então, viste-o.

Deu às barbatanas, aflito.

- Mãe!

Mas afinal não caía, nem o ar lhe faltava, nem coisíssima nenhuma. Ia descendo como uma pena, graças aos amortecedores. Mais que fosse! No peito, uma frescura fina, gostosa... Não há dúvida: voar era realmente agradável! E que bonito o mundo, em baixo! Tudo a sorrir, claro e acolhedor...

A mãe, sempre vigilante e mestra no ofício, aconselhou-lhe então um bonito antes de aterrar. Dar quatro remadas fundas, em cheio, e, depois, aproveitar o balanço com o corpo em folha morta, ao sabor da aragem...

Assim fez. Os lambões dos irmãos nem repararam, brutos como animais! A mãe é que disse sim senhor, com um sorriso dos dela...

E pousou. Muito ao de leve, delicadamente, pousou no meio daquela matulagem toda, que se desunhava ao redor duma meda de centeio.

Terra! Pisava-a pela primeira vez! Qualquer coisa de mais áspero do que o veludo do ninho, mas também quente e segura. Deu alguns passos ao acaso, a tirar das cócegas nos dedos um prazer de que ainda tinha saudades. Depois, comeu. Comeu com fome e com gula os grãos duros que o sol esbagoava das espigas cheias. Numa bicada imprecisa, precipitada, foi a ver, engolira uma pedra. Não lhe fez mal nenhum. Pelo contrário. Ricos tempos! Desde o entendimento ao estômago, estava tudo inocente, puro. Fosse agora, e era indigestão pela certa. Arrombadinho de todo! Por isso fazia aquela dieta rigorosa...

Falava assim, e ria-se, o maroto. Nem pejo tinha da mocidade, que o ouvia deslumbrada.

- A vergonha é a mãe de todos os vícios - costumava dizer.

E tanto fazia a Ti Maria do Carmo pôr espantinho no painço, como não. Ladino, desde que não lhe acenassem com convite para arrozada numa panela, aos saltinhos ia enchendo a barriga. Depois, punha-se no fio do correio a ver jogar o fito, como quem fuma um cigarro. Desmancha-prazeres, o filho da professora aproximava-se a assobiar... Ah, mas isso é que não. Brincadeiras com figas, santa paciência. Ala! Dava corda ao motor, e ó pernas! Numa salve-rainha, estava no Ribeiro de Anta. Aí, ao menos, ninguém o afligia. Podia fartar-se em paz de sol e grainha.

- Que mais quer um homem?!

- O compadre lá sabe...

- Bem... Tudo é preciso... São necessidades da natureza... Desde que não se abuse...

E continuava, muito santanário, a catar o piolho. Depois, metia-se no banho.

- Rica areia tem aqui o cantoneiro, sim senhor!

D. Micas concordava. E só as Trindades o traziam ao beiral da Casa Grande.

Adormecia, então. E a sono solto, como um justo que era, passava a noite. Acordava de madrugada, quando a manha rompia ao sinal de Tenório, o galo. Isto, no tempo quente. Porque no frio, caramba!, ou usava duma táctica lá sua, ou morria gelado. Aquelas noites da Campeã, no Janeiro, só pedras é que podiam aguentá-las. E chegava-se à chaminé. Com o bafo do fogão sempre a coisa fiava de outra maneira.

Ah, lá defender-se, sabia! A experiência para alguma coisa lhe havia de servir. Se via o caso mal parado, até durante o dia punha o corpo no seguro. Bastava o vento soprar da serra. Largava a comedoria, e - forro da cozinha! Não havia outro remédio. Tudo menos uma pneumonia!

A classe tinha realmente um grande inimigo - o inverno. Mal o Dezembro começava, só se ouviam lamúrias.

- Isto é que vai um ano, Ti Ladino!

A Cacilda, com filhos serôdios, e à rasca para os criar.

- Uma calamidade, realmente. Mas vocês não tomam juízo! É cada ninhada, que parecem ratas!

- O destino quer assim...

- Lerias, mulher! O destino fazemo-lo nós...

Solteirão impenitente, tinha, no capítulo de saias, uma crónica de pôr os cabelos em pé. Tudo lhe servia, novas, velhas, . casadas ou solteiras. Mas, quando aparecia geração, os outros é que eram sempre os pais da criança.

- Se todos fizessem como eu...

- Ora, como vossemecê!... Cala-te, boca. Mudemos de conversa, que é melhor... Segue-se que não sei como lhes hei-de matar a fome... - gemia a desgraçada.

- Calculo a aflição que deve ser...

£ o farsante quase que chorava também. Quisesse ele, e a infeliz resolvia num abrir e fechar de olhos a crise que a apavorava. Pois sim! Olha lá que o safado ensinasse como se ia ao galinheiro comer os restos!... Enchia primeiro o papo e, depois, a palitar os dentes, fazia coro com a pobreza.

- É o diabo... Este mundo está mal organizado...

Um monumento! Como ele, só mesmo o padre Gonçalo. Quanto maior era a miséria, mais anediado andava.

- Aquilo é que tem um peito! Numas brasas, com uma pitada de sal...

Mas já Ladino ia na ponta da unha. Não queria quebrar os dentes de ninguém. Carne encoirada, durásia... E acrescentava:

- Isto, se uma pessoa se descuida, quando vai a dar conta está feita em torresmos. Que tempos!

O mais engraçado é que já falava assim há muitos anos, com um sebo sobre as costelas, que nem cabrito desmamado.

De tal maneira, que o Papo Magro, farto daquela velhice e daquelas manhas, a certa altura não pôde mais, e até foi malcriado.

- Quando é esse funeral, ti Ladino?

!

Mas o velho raposão, em vez de se dar por achado, respondeu muito a sério, como se fizesse um exame de consciência:

- Olha, rapaz, se queres que te fale com toda a franqueza, só quando acabar o milho em Trás-os-Montes.

83

í

J.

RAMIRO

1

RAMIRO

- Deus nos dê muito bons dias!

Quem passava até mudava de cor. Fazia-se-lhe a alma pequena só de ouvir em tal ermo uma resposta assim. É que metia medo!

Felizmente que não se tratava de ladrão. Ramiro, depois daquela salvação dada por entre os dentes, deixava-se ficar quieto, bambo, apoiado na foice roçadeira, com os olhos baços parados sobre a brancura do rebanho. Ramiro era pastor.

Aos domingos, no adro da Igreja, o Manuel Pelinhas, que tinha o coração na boca, mais de uma vez lhe foi à mão.

- A modos que te custam dinheiro as palavras!...

Mas Ramiro, depois de cada remoque, continuava calado, e calado ouvia o padre João rezar missa. No fim, se havia ladainha, não respondia; se do altar vinha ordem para os homens cantarem no Tantum Ergo, não cantava.

A alma enchera-se-lhe de silêncio em vinte anos de Marão. Naquela grande aridez, só a vida que pulsava sem ruído conseguia triunfar. A chamiça, a carqueja, o tojo molar, as lagartixas, as cobras e os saltaricos cresciam no mesmo cauteloso mutismo. No Março, a torga floria. Mas não chegava esse alarido de cor para acordar as fragas. E a lição que Ramiro recebia diariamente era a de uma irremediável afonia cósmica, de vez em quando quebrada pelo balido monossilábico dum cordeiro que se ficava

esquecido a olhar um seixo, ou pelos uivos do Rilha que, pressuroso, dava sinais de lobo. Por isso, em vez de fala, usava outra linguagem: um assobio seco, estridente, instantâneo, que atirava com a mesma violência à cara dos interlocutores e às reses tresmalhadas. O apito, saído dos beiços com o ímpeto dum arremesso, entrava nos ouvidos como um punhal. Quase que fazia sangrar os tímpanos.

- E queres tu, com esse chamadoiro, que a Rosa te venha ao redil!

Queria, realmente. Quando passava por ela, comia-a com os olhos. Desgraçadamente, não sabia formular doutra maneira o desejo que o roía. E, por mais que a Mãe lhe preparasse o terreno, continuava solteiro, à míngua de expressão.

Pela manhã, erguia-se antes do próprio labreiro. Mas nem pedia a bênção à pobre tia Etelvina, que considerava aquele filho um castigo de Deus, nem dava bons dias ao rebanho. Um assobio apenas. E com ele avisava a velha e os cordeiros de que eram horas. A infeliz vinha entregar-lhe a merenda, e o gado punha-se de perna alerta. De aí a nada, a procissão estava em andamento a caminho do Marão - o deserto do som. E sozinho. De livre vontade, nunca emparceirava. A regra era ir sempre desacompanhado, mesmo que levasse o gado até aos confins da serra.

- Haverá pasto na Gralheira?

- Han...

Nada mais. Quem quisesse, fosse ver. Continuava distante, absorto, de beiços cosidos. Se acontecia encontrar-se com outros colegas na mesma encosta, e não conseguia arredar-se, ou lhe não convinha, deixava-se ficar sem abrir a boca, como se não desse sequer pela presença do intruso.

Assim sucedeu naquele dia. O Ruela apareceu, e os malatos que andava a engordar entraram de repelão pelo rebanho dele. Não tugiou nem mugiu. E nessa situação se manteve horas a fio, até que a desgraça se deu. Mesmo depois, no remate da tragédia, nada disse. À justificação do Ruela, respondeu com maior dure-

za no olhar. E, quando levantou a foice, foi também em silêncio, como se fosse cumprir um voto.

- À salvação, que não lhe quis acertar!

Mas Ramiro estava perdido. A Mimosa era a mais bela ovelha de Arca. E vê-la assim, estendida e morta, ia além das forças da sua compreensão.

- Acredita que o fiz sem querer!

O coitado do Ruela, ao tornar o gado, puxou demais à mão. O certo é que tal pedrada mandou à barriga da cordeira, que a desgraçada, prenha como uma vaca, abortou e morreu. Não foi logo na ocasião. Só passadas algumas horas é que se pôs a berrar, a berrar, num desespero que parecia de criatura. A berrar e a escoar-se em sangue.

Enquanto durou a agonia, Ramiro apertava o cabo da foice, numa raiva açaimada. A própria vermelhidão que lhe alastrava nos olhos mostrava esse esforço de contenção. Infelizmente, deu-se o pior... O coração da churra, às tantas, parou de bater. E não teve mão no génio.

- Pela alma de quem lá tens, Ramiro!

O apelo, de ilimitada angústia, saiu com o fervor de uma oração do peito opresso do condenado. Mas a lâmina vinha no ar como um destino. E o grito de terror não encontrou eco. Vogou incerto pela serra além, e perdeu-se a seguir numa quebrada. A eternidade de tal instante tinha de ser assim, para que Ramiro estivesse certo consigo. A sua alma era muda como um túmulo. No instante em que a foice ia cair em cheio na cabeça do Ruela, os próprios montes pareceram siderados de espanto. Simplesmente, mais do que nunca, agora, a boca de Ramiro estava fechada. Larga e fina, lembrava um longo golpe cicatrizado. No rosto maciço, falar, só os olhos abertos. Inteiramente em sangue, apenas eles exprimiam uma determinação sem remédio, feroz, onde não havia lugar para nenhum perdão.

E, sobre a morte inocente daquele homem, apenas se ouviu, num instante fugidio, um assobio seco, agudo, a chamar o rebanho para o curral.

FARRUSCO

FARRUSCO

Dentro da poça do Lenteiro, há rãs. Naquela água coberta de agriões e de juncos moram centenas delas. Mas à volta, na sebe de marmeleiros, silva-macha e alecrim, vive Farrusco, o melro. Sabe-se isso desde que, em certo entardecer de Agosto, a Clara perguntou ao cuco que se pousara num pinheiro em frente:

- Cuco do Minho, cuco da Beira: quantos anos me dás de solteira?

A rapariga era toda ela de se comer. E o cuco, maroto, olhou de lá, viu, e respondeu:

- Cucu... Cucu... Cucu...

Três anos! A moça ficou varada. O Rodrigo acabava a tropa de aí a dias, e prometera levá-la à igreja logo a seguir. Que significava, pois, semelhante demora? Aflita, chegou-se à Isaura, a alcoviteira, mouca como um soco, que a seu lado sachava milho, e gritou-lhe aos ouvidos, desesperada:

- Ora vê?! Que lhe dizia eu? A Isaura nem queria acreditar.

- Ouvirias mal!...

- Olhe lá que não ouvisse! Contei-os bem.

E foi então que Farrusco soltou a sua primeira gargalhada. Coisa bonita! Uma cascata de semicolcheias escaroladas, como se alguém rasgasse um pano cru, rijo e comprido, no silêncio da tarde serena, que o desânimo de Clara enchera subitamente de melancolia. Nada mais do que isso. Mas o bastante para mudar

A

o sinal do desencanto. A força virgem daquele riso chamou a vida à consciência dos seus direitos. De parada, a natureza animou-se. Uma aragem muito branda e muito fresca atravessou o espaço. Tudo quanto era mundo vegetal ondulou levemente. A própria terra, sonolenta do calor do dia, acordou. E de aí a segundos começou a maior sinfonia que se ouviu no Lenteiro.

Chamadas por aquela volatina, as rãs subiram à tona de água e puseram-se a dar força sonora às tímidas vozes ocultas e anónimas que se erguiam do limbo. Às rãs, juntaram-se logo, pressurosos, os ralos, as cegarregas, os grilos, e quanta arraia miúda tinha fala. A esta, a passarada. Até que não ficou bicho sensível e solidário alheio ao *Tantum Ergo* pagão. Um coro imenso, cósmico e fraterno, que enchia o mundo de confiança.

Clara, arrastada pela onda de harmonia, apelou da sentença:

- Cuco do Minho, cuco da Beira: quantos anos me dás de solteira?

O que foste fazer! O malandro do pitoniso, se há pouco fora cruel, desta vez requintou.

- Cucu... Cucu... Cucu... Cucu...

Parecia uma ladainha! A lengalenga não parava mais. Ou de propósito, ou porque o mundo, naquele instante, era um orfeão aberto, o ladrão dava mais anos de solteira à rapariga do que estrelas tem o céu.

Desapontada, a cachopa regressou às ervas daninhas do lameiro. E, num amuo justificado, deixou correr as horas. A seu lado, comprometida, a Isaura, que tinha garantido o noivado a curto prazo, falava, falava, sem conseguir adoçar-lhe no espírito o fel da desilusão. E quando a noite se aproximou disposta a selar com negrura aquela tristeza humana, foi preciso que Farrusco, novamente solidário com os direitos da moça, saltasse da espessura da sebe para o cimo de um estacão, e fizesse ressoar pelo céu parado e quente uma segunda gargalhada. Discordância de tal maneira fresca, sadia, prometedora, que a rapariga ganhou ânimo. Pôs os olhos em si, na força criadora das margaridas abonadas, no ar de coisa sã que toda ela ressumava, e sor-

riu. Depois, confiante, juntou a sua alegria à alegria do melro. Soltou então também uma risada cristalina, que partiu da verdura do milho, passou pelas penas luzidias de Farrusco, e foi bater como um castigo no ouvido desafinado do cuco. Um segundo a natureza esteve suspensa daquela gargalhada. A vida homenageava a vida. Depois continuou tudo a cantar.

- O estafermo do cuco, tia Isaura! Até um melro se riu!...

- Riem-se de tudo, esses diabos...

Mas o lusco-fusco começava a empoeirar o céu, e Farrusco ia fechando docemente os olhos, deitado na cama dura. A vida que lhe ensinara a mãe, simples, honesta, espartana, não lhe consentia luxos de noitadas. Pela manhã, ainda o sol vinha lá para Galegos, já ele tinha de estar de perna à vela, pronto para comer a bicharada da veiga, e rir de novo, se alguma tola de Vilar de Celas se fiasse outra vez no aldrabão do cuco.

MIURA

MIURA

Fez um esforço. Embora ardesse numa chama de fúria, tentou refrear os nervos e medir com a calma possível a situação.

Estava, pois, encurralado, impedido de dar um passo, à espera de que lhe chegasse a vez! Um ser livre e natural, um toiro nado e criado na lezíria ribatejana, de gaiola como um passarinho, condenado a divertir a multidão!

Irreprimível, uma onda de calor tapou-lhe o entendimento por um segundo. O corpo, inchado de raiva, empurrou as paredes do cubículo, num desespero de Sansão.

Nada. Os muros eram resistentes, à prova de quanta força e quanta justa indignação pudesse haver. Os homens, só assim: ou montados em cavalos velozes e defendidos por arame farpado, ou com sebes de cimento armado entre eles e a razão dos mais...

Palmas e música lá fora. O Malhado dava gozo às senhorias...

Um frémito de revolta arrepiou-lhe o pêlo. Dali a nada, ele. Ele, Miura, o rei da campina!

A multidão calou-se. Começou a ouvir-se, sedante, nostálgico, o som grosso e pacífico das chocas.

A planície!... O descampado infinito, loiro de sol e trigo... O ilimitado redil das noites luarentas, com bocas mudas, limpas, a ruminar o tempo... A fornalha escaldante, sedenta, desesperante, que o estrídulo das cegarregas levava ao rubro.

Novamente o silêncio. Depois, ao lado, passos incertos de quem entra vencido e humilhado no primeiro buraco...

Refrescou as ventas com a língua húmida e tentou regressar ao paraíso perdido.

A planície...

Um som fino de corneta.

Estremeceu. Seria agora? Teria chegado, enfim, a sua vez?

Não chegara. Foi a porta da esquerda que se abriu, e o rugido soturno que veio a seguir era do Bronco.

Sem querer, cresceu outra vez quanto pôde para as paredes estreitas do cárcere. Mas a indignação e os músculos deram em pedra fria.

A planície... O bebedeiro da Terra-Velha, fresco, com água limpa a espelhar os olhos...

Assobios.

O Bronco não fazia bem o papel...

Um toque estranho, triste, calou a praça e rarefez o curro.

Rápida e vaga, a sombra do companheiro passou-lhe pela vista turva. Apertou-se-lhe o coração. Que seria?

Palmas, música, gritos.

Um largo espaço assim, com o mundo inteiro a vibrar para além da prisão. Algum tempo depois, novamente o silêncio e novamente as notas lúgubres do clarim.

Todo inteiro a escutar o dobre a finados, abrasado de não sabia que lume, Miura tentava em vão encontrar no instinto confuso o destino do amigo.

Subitamente, abriu-se-lhe sobre o dorso um alçapão, e uma ferroadada fina, funda, entrou-lhe na carne viva. Cerrou os dentes, e arqueou-se, num ímpeto.

Desgraçadamente, não podia nada. O senhor homem sabia bem quando e como as fazia. Mas por que razão o espetava daquela maneira?

Três pancadas secas na porta, um rumor de tranca que cede, uma fresta que se alargou, deram-lhe num relance a explicação do enigma da agressão: chegara a sua vez.

Nova picada no lombo.

- Miura! Cornudo!

Dum salto todo muscular, quase de voo, estava na arena.

Pronto!

A tremer como varas verdes, de cólera e de angústia, olhou à volta. Um tapume redondo e, do lado de lá, gente, gente, sem acabar.

Com a pata nervosa escarvou a areia do chão. Um calor de bosta macia correu-lhe pelo rego do servidoiro. Urinou sem querer.

Gritos da multidão.

Que papel ia representar? Que se pedia do seu ódio?

Hesitante, um tipo magro, doirado, entrou no redondel.

Olhou-o a frio. Que força traria no rosto mirrado, nas mãos amarelas, para se atrever assim a transpor a barreira?

A figura franzina avançou.

Admirado, Miura olhava aquela fragilidade de dois pés. Olhava-a sem pestanejar, olímpica e ansiosamente.

Com ar de quem joga a vida, o manequim de lantejoulas caminhava sempre. £, quando Miura o tinha já à distância dum arranco, e ainda sem compreender olhava um tal heroísmo, enfatuadamente o outro bateu o pé direito no chão e gritou:

- Eh! boi! Eh! toiro!

A multidão dava palmas.

- Eh! boi! Eh! toiro!

Tinha de ser. Já que desejavam tão ardentemente o fruto da sua fúria, ei-lo.

Mas o homem que visou, que atacou de frente, cheio de lealdade, inesperadamente transfigurou-se na confusão de uma nuvem vermelha, onde o ímpeto das hastes aguçadas se quebrou desiludido.

Cego daquele ludfíbrio, tornou a avançar. E foi uma torrente de energia ofendida que se pôs em movimento.

Infelizmente, o fantasma, que aparecia e desaparecia no mesmo instante, escondera-se covardemente de novo por detrás da mancha atordoadora. Os cornos ávidos, angustiados, deram

em cor.

101

Mais palmas ao dançarino.

Parou. Assim nada o poderia salvar. À suprema humilhação de estar ali, juntava-se o escárnio de andar a marrar em sombras. Não. Era preciso ver calmamente. Que a sua raiva atingisse ao menos o alvo.

O espectro doirado lá estava sempre. Pequenino, com ar de troça, olhava-o como se olhasse um brinquedo inofensivo.

Silêncio.

Esperou. O homem ia desafiá-lo certamente outra vez.

Tal e qual. Inteiramente confiado, senhor de si, veio vindo, veio vindo, até lhe não poder sair do domínio dos chifres.

Agora!

De novo, porém, a nuvem vermelha apareceu. E de novo Miura gastou nela a explosão da sua dor.

Palmas, gritos.

Desesperado, tornou a escarvar o chão, agora com as patas e com os galhos. O homem!

Mas o inimigo não desistia. Talvez para exaltar a própria vaidade, aparentava dar-lhe mais oportunidades. Lá vinha todo empertigado, a apontar dois pequenos paus coloridos, e a gritar como há pouco:

- Eh! toiro! Eh! boi!

Sem lhe dar tempo, com quanta alma pôde, lançou-se-lhe à figura, disposto a tudo. Não trouxesse ele o pano mágico, e veríamos!

Não trazia. E, por isso, quando se encontraram e o outro lhe pregou no cachaço, fundas, dolorosas, as duas farpas que erguia nas mãos, tinha-lhe o corno direito enterrado na fundura da barriga mole.

Gritos e relâmpagos escarlates de todos os lados.

Passada a bruma que se lhe fez nos olhos, relanceou a vista pela plateia. Então?!

Como não recebeu qualquer resposta, desceu solitário à consciência do seu martírio. Lá levavam o moribundo em braços, e lá saltava na arena outro farsante doirado.

Esperou. Se vinha sem a capa enfeitada, sem o diabólico farrapo que o cegava e lhe perturbava o entendimento, morria.

Mas o outro estava escudado.

Apesar disso, avançou. Avançou e bateu, como sempre, em algodão.

Voltou à carga.

O corpo fino do toureiro, porém, fugia-lhe por artes infernais.

Protestos da assistência.

Avançou de novo. Os olhos já lhe doíam e a cabeça já lhe andava à roda.

Humilhado, com o sangue a ferver-lhe nas veias, escarvou a areia mais uma vez, urinou e roncou, num sofrimento sem limites. Miura, joguete nas mãos dum zé-ninguém!

Num ímpeto, sem dar tempo ao inimigo, caiu sobre ele. Mas quê! Como um gamo, o miserável saltava a vedação.

Desesperado, espetou os chifres na tábua dura, em direcção à barriga do fugitivo, que arquejava ainda do outro lado. Sangue e suor corriam-lhe pelo lombo abaixo.

Ouviu uma voz que o chamava. Quem seria? Voltou-se. Mas era um novo palhaço, que trazia também a nuvem, agora pequena e triangular.

Mesmo assim, quase sem tino e a saber que era em vão que avançava, avançou.

Deu, como sempre na miragem enganadora.

Renovou a investida. Iludido, outra vez.

Parou. Mas não acabaria aquele martírio? Não haveria remédio para semelhante mortificação?

Num último esforço, avançou quatro vezes. Nada. Apenas palmas ao actor.

Quando? Quando chegaria o fim de semelhante tormento?

Subitamente, o adversário estendeu-lhe diante dos olhos congestionados o brilho frio dum estoque.

Quê?! Pois poderia morrer ali, no próprio sítio da sua humilhação?! Os homens tinham dessas generosidades?!

Calada, a lâmina oferecia-se inteira.

Calmamente, num domínio perfeito de si, Miura fitou-a bem. Depois, numa arremetida que parecia ainda de luta e era de submissão, entregou o pescoço vencido ao alívio daquele gume.

O SENHOR NICOLAU

O SENHOR NICOLAU

O pai queria *fazer* dele um homem. Por isso, mal o pequeno acabou a 4.ª classe em Pedornelo, Guimarães com ele!

Mas não havia padre Macário capaz de endireitar semelhante criatura. Nem a puxões de orelhas e a golpes de régua se conseguia evitar que o rapaz saltasse a toda a hora pelas janelas do colégio e desaparecesse pelas serras a cabo, aos grilos. Trazia já o vício da terra; mas, com a idade, em vez de a coisa melhorar, piorava.

De palha na mão, era vê-lo à torreira do sol. Metia a sonda em cada agulheiro que encontrava, punha-se a esgravatar, a esgravatar, e o pobre do habitante do buraco não tinha outro remédio senão vir à tona.

Só quando o estômago dava horas das grandes regressava a casa com vinte ou trinta bichos daqueles. O reitor mandava-o ir ao gabinete, punha-lhe a cara num pimentão, mas de pouco valia. No dia seguinte, lá fugia ele outra vez.

Tinha o quarto transformado em viveiro. Em vez de retratos de actrizes e de cowboys, gaiolas de todos os tamanhos dependuradas nas paredes, com folhas de alface e de serradela metidas nas grades. E era num tal cenário que o encontrava - quando o encontrava -, abstracto, alheado, fora do mundo.

- A lição?

- Estou a estudá-la...

Na aula a seguir é que a coisa se via: um estenderete!

Contudo, como inexplicavelmente na cadeira do Dr. Rodrigues só tirava vintes, e o professor gorava de grande prestígio entre os colegas, ano sim, ano não, lá passava. A nota de Zoologia podia muito. E os outros mestres, apertados, davam o 10 e desabafavam:

- Vá lá... Como sabe tanto de grilos...

. No fim do curso do liceu, Coimbra. Para médico. O pai sonhava com ele em Pedornelo a curar maleitas.

Mas quando, ao cabo de seis anos, o velho julgava que tinha ali o Paracelso dos Paracelsos, a folha corrida do rapaz registava apenas uma enigmática distinção em ciências naturais e reprovações no resto.

Deus não quis, todavia, matar o santo homem com a punhalada duma desilusão. Nas vésperas de o cábula regressar, mandou-lhe piedosamente uma broncopneumonia, que o levou desta para melhor, juntamente com as esperanças que depositara no filho.

E foi assim, herdeiro das ricas terras do pai, e com a Arca de Noé sabida de cabo a rabo, que o Sr. Nicolau voltou definitivamente a Pedornelo.

Andava então pelos trinta anos. Alto, seco, pálido, delicado, veio pôr na veiga e nos montes da terra uma nota que até ali não havia: a mancha lírica dum cidadão de guarda-sol branco a caçar bicharocos.

- O Sr. Nicolau passou bem?

- Bem, muito obrigado, tio Armindo...

E abaixava-se a agarrar uma louva-a-deus. Tirava um frasco do bolso, pegava na infeliz com mil cuidados, não lhe fosse quebrar um braço, e bojo do vidro com ela.

A princípio, todos arregalaram os olhos, num justo e desconfiado espanto. No que dera o filho do Sr. Adriano Gomes! Mas apenas lhes arrendou, por umas cascas de alho, os bens de que passara a ser dono, e o viram contente com a transacção, mudaram de ideias e puseram-se a vender-lhe quantos insectos havia

nas redondezas. Bastava chegar ao pé dele e mostrar-lhe uma joaninha, para que a comprasse logo por um tostão. De modo que semelhante maluqueira era uma mina, vista por qualquer lado.

Só o mestre-escola, o velho Sr. Anselmo, que já na instrução primária se vira e desejara para meter naquela cabeça tonta as contas de multiplicar, se mostrava renitente na aceitação de tão grande desgraça. E, quando acabou por dar o braço a torcer, foi desta maneira:

- Enfim, do mal o menos. Se lhe dá para coleccionar burros, tínhamos a aldeia transformada numa estrebaria...

Mas o Sr. Nicolau resistia a tudo. Às ironias do antigo professor e ao egoísmo do povo. E, mal o sol apontava na serra de Alijo, lá ia ele pelos restolhos fora.

Vivia sozinho. Além da Gertrudes, que vinha de vez em quando lavar-lhe a roupa e fazer-lhe um caldo, ninguém mais lhe entrava em casa, a não ser pelo S. Miguel, na altura do pagamento das rendas. Viam-no então no escritório, entre grandes armários, onde, desde as pulgas às carochas, dormiam o sono eterno quantos seres a sua paciência e os seus vinténs conseguiram agarrar em Pedernelo e cercanias.

Tinha-os em caixas de papelão, aos centos, em fila, catalogados e suspensos num alfinete que lhes entrava nas costas e saía na barriga. Havia-os de todos os tamanhos e de todas as cores possíveis. Grandes, pequenos, pequeninos, amarelos, brancos, pretos, azuis, vermelhos, um ou dois de cada qualidade e de quantas qualidades fora capaz a imaginação divina.

Calmamente, amorosamente, à medida que o tempo andava, crescia o cemitério. E, calmamente, o coveiro, o Sr. Nicolau, ia envelhecendo entre os mortos.

O seu mundo fechara-se ali, concêntrico, sem horizontes, murado pelas estantes envidraçadas, onde o sonho se conservava em naftalina. As nações desabavam, sucediam-se guerras, a própria aldeia oscilava nos gonzos. Mas o senhor Nicolau, alheio às paixões humanas, continuava a povoar os dias de libélulas e borboletas.

A certa altura, o boateiro do Fagundes lançou a atoarda do próximo casamento do lunático.

- E com quem? - perguntou o professor, carregado de inocência.

Mas como ninguém lhe soube dizer o nome da noiva, rematou ele:

- Talvez com alguma lesma... E bem é. Fica tudo em família. . A balela foi por assim dizer o derradeiro sinal que Pedorne-

lo deu de que não se esquecera inteiramente da vida social do Sr. Nicolau. Porque, apenas o mestre disse a ironia, e todos acabaram de se rir à vontade, o desgraçado saiu da lembrança da povoação. Logo a seguir, quando passavam, ou já nem o cumprimentavam, ou lhe davam os bons-dias com o mesmo automatismo com que tiravam o chapéu, às Trindades. Nem que ele atravessasse o largo com uma ruga funda e desesperada na testa, se lembravam de o lamentar. O nome do amalucado, agora, significava o mesmo que carrapato, ralo, formiga ou coisa assim.

Era um bicho. Um inofensivo bicho, igual aos milhares quê tinha no escritório embalsamados.

Às vezes, a ruga tinha profundidade. Minava-o um desgosto tão verdadeiro como o de qualquer vizinho aflito com os estragos de uma trovoada. Mas cinquenta anos de alheamento colectivo tiravam-lhe o direito de ser compreendido por homens. Quem podia admitir que fossem motivo de desespero a tenaz quebrada dum besoiro ou qualquer sinal de traça numa bicha-cadela?! A sensibilidade de Pedornelo não reagia aos estímulos de tão subtis calamidades. Ali, a respeito de sofrimento, entender, só fome, febres e facadas.

Quis finalmente o Dr. Saul olhar aquele ser como habitante da terra e criatura de Deus. Chamado à pressa pela Gertrudes, que fora encontrar o velho encolhido como um feto no sofá do escritório, veio, auscultou, tomou o pulso, pôs o termómetro, e resolveu por fim entrar pelo corpo dentro do moribundo com uma agulha que lhe enterrou na espinha.

Mas o sr. Nicolau, agora, estava de todo integrado no destino dos seus companheiros. Delirava. Sentiu vagamente a dor na coluna, lembrou-se do que tinha feito aos milhares de irmãos, e pensou:

- Má técnica... Era éter acético primeiro, e só então... Oxalá não se esqueça ele ao menos de escrever no rótulo, correctamente, o meu nome em latim...

E daí a nada, depois da última contracção, sereno e de olhos fechados, ali ficou quieto e feliz, à espera que o metessem na sua caixa.

VICENTE

VICENTE

Naquela tarde, à hora em que o céu se mostrava mais duro e mais sinistro, Vicente abriu as asas negras e partiu. Quarenta dias eram já decorridos desde que, integrado na leva dos escolhidos, dera entrada na Arca. Mas desde o primeiro instante que todos viram que no seu espírito não havia paz. Calado e carrancudo, andava de cá para lá numa agitação contínua, como se aquele grande navio onde o Senhor guardara a vida fosse um ultraje à criação. Em semelhante balbúrdia - lobos e cordeiros irmanados no mesmo destino -, apenas a sua figura negra e seca se mantinha inconformada com o procedimento de Deus. Numa indignação silenciosa, perguntava: - a que propósito estavam os animais metidos na confusa questão da torre de Babel? Que tinham que ver os bichos com as fornicações dos homens, que o Criador queria punir? Justos ou injustos, os altos desígnios que determinavam aquele dilúvio batiam de encontro a um sentimento fundo, de irreprimível repulsa. E, quanto mais inexorável se mostrava a prepotência, mais crescia a revolta de Vicente.

Quarenta dias, porém, a carne fraca o prendeu ali. Nem mesmo ele poderia dizer como descera do Líbano para o cais de embarque e, depois, na Arca, por tanto tempo recebera das mãos servis de Noé a ração quotidiana. Mas pudera vencer-se. Conseguira, enfim, superar o instinto da própria conservação, e abrir as asas de encontro à imensidão terrível do mar.

A insólita partida foi presenciada por grandes e pequenos num respeito calado e contido. Pasmados e deslumbrados, viram-no, temerário, de peito aberto, atravessar o primeiro muro de fogo com que Deus lhe quis impedir a fuga, sumir-se ao longe nos confins do espaço. Mas ninguém disse nada. O seu gesto foi naquele momento o símbolo da universal libertação. A consciência em protesto activo contra o arbítrio que dividia os seres em eleitos e condenados.

Mas ainda no íntimo de todos aquele sabor de resgate, e já do alto, larga como um trovão, penetrante como um raio, terrível, a voz de Deus:

- Noé, onde está o meu servo Vicente?

Bípedes e quadrúpedes ficaram petrificados. Sobre o tombadilho varrido de ilusões, desceu, pesada, uma mortalha de silêncio.

Novamente o Senhor paralisara as consciências e o instinto, e reduzia a uma pura passividade vegetativa o resíduo da matéria palpitante.

Noé, porém, era homem. E, como tal, aprestou as armas de defesa.

- Deve andar por aí... Vicente! Vicente! Que é do Vicente?!... Nada.

- Vicente!... Ninguém o viu? Procurem-no!

Nem uma resposta. A criação inteira parecia muda.

- Vicente! Vicente!. Em que sítio é que ele se meteu?

Até que alguém, compadecido da mísera pequenez daquela natureza, pôs fim à comédia.

- Vicente fugiu...

- Fugiu?! Fugiu como?

- Fugiu... Voou...

Bagadas de suor frio alagaram as têmporas do desgraçado. De repente, bambearam-lhe as pernas e caiu redondo no chão.

Na luz pardacenta do céu houve um eclipse momentâneo. Pelas mãos invisíveis de quem comandava as fúrias, como que passou, rápido, um estremecimento de hesitação.

Mas a divina autoridade não podia continuar assim, indecisa, titubeante, à mercê da primeira subversão. O instante de perplexidade durou apenas um instante. Porque logo a voz de Deus ribombou de novo pelo céu imenso, numa severidade tonitruante.

- Noé, onde está o meu servo Vicente?

Acordado do desmaio poltrão, trémulo e confuso, Noé tentou justificar-se.

- Senhor, o teu servo Vicente evadiu-se. A mim não me pesa a consciência de o ter ofendido, ou de lhe haver negado a razão devida. Ninguém o maltratou aqui. Foi a sua pura insubmissão que o levou... Mas perdoa-lhe, e perdoa-me também a mim... E salva-o, que, como tu mandaste, só o guardei a ele...

- Noé!... Noé!....

E a palavra de Deus, medonha, toou de novo pelo deserto infinito do firmamento. Depois, seguiu-se um silêncio mais terrível ainda. E, no vácuo em que tudo parecia mergulhado, ouvia-se, infantil, o choro desesperado do Patriarca, que tinha então seiscentos anos de idade.

Entretanto, suavemente, a Arca ia virando de rumo. E a seguir, como que guiada por um piloto encoberto, como que movida por uma força misteriosa, apressada e firme - ela que até ali vogara indecisa e morosa ao sabor das ondas -, dirigiu-se para o sítio onde quarenta dias antes eram os montes da Arménia.

Na consciência de todos a mesma angústia e a mesma interrogação. A que represálias recorreria agora o Senhor? Qual seria o fim daquela rebelião?

Horas e horas a Arca navegou assim, carregada de incertezas e terror. Iria Deus obrigar o corvo a regressar à barca? Iria sacrificá-lo, pura e simplesmente, para exemplo? Ou que iria fazer? E teria Vicente resistido à fúria do vendaval, à escuridão da noite e ao dilúvio sem fim? E, se vencera tudo, a que paragens arribara? Em que sítio do universo havia ainda um retalho de esperança?

Ninguém dava resposta às próprias perguntas. Os olhos cravavam-se na distância, os corações apertavam-se num sentimento de revolta impotente, e o tempo passava.

Subitamente, um lince de visão mais penetrante viu terra. A palavra, gritada a medo, por parecer ou miragem ou blasfêmia, correu a Arca de lês a lês como um perfume. E toda aquela fauna desiludida e humilhada subiu acima, ao convés, no alvoroço grato e alentador de haver ainda chão firme neste pobre universo.

Terra! Nem planaltos, nem veigas, nem desertos. Nem mesmo a maciez tranquilizadora dum monte. Apenas a crista de um cerro a emergir das vagas. Mas bastava. Para quantos o viam, o pequeno penhasco resumia a grandeza do mundo. Encarnava a própria realidade deles, até ali transfigurados em meros fantasmas flutuantes. Terra! Uma minúscula ilha de solidez no meio dum abismo movediço, e nada mais importava e tinha sentido.

Terra! Desgraçadamente, a doçura do nome trazia em si um travor. Terra... Sim, existia ainda o ventre quente da mãe. Mas o filho? Mas Vicente, o legítimo fruto daquele seio?

Vicente, porém, vivia. À medida que a barca se aproximava, foi-se clarificando na lonjura a sua presença esguia, recortada no horizonte, linha severa que limitava um corpo, e era ao mesmo tempo um perfil de vontade.

Chegara! Consequira vencer! E todos sentiram na alma a paz da humilhação vingada.

Simplemente, as águas cresciam sempre, e o pequeno outeiro, de segundo a segundo, ia diminuindo.

Terra! Mas uma porção de tal modo exígua, que até os mais confiados a fixavam ansiosamente, como a defendê-la da voragem. A defendê-la e a defender Vicente, cuja sorte se ligara inteiramente ao telúrico destino.

Ah, mas estavam «rotas as fontes do grande abismo e abertas as cataratas do céu»! E homens e animais, começaram a desesperar diante daquele submergir irremediável do último reduto da existência activa. Não, ninguém podia lutar contra a determinação de Deus. Era impossível resistir ao ímpeto dos elementos, comandados pela sua implacável tirania.

Transida, a turba sem fé fitava o reduzido cume e o corvo pousado em cima. Palmo a palmo, o cabeça fora devorado. Res-

tava dele apenas o topo, sobre o qual, negro, sereno, único representante do que era raiz plantada no seu justo meio, impávido, permanecia Vicente. Como um espectador impessoal, seguia a Arca que vinha subindo com a maré. Escolhera a liberdade, e aceitara desde esse momento todas as consequências da opção. Olhava a barca, sim, mas para encarar de frente a degradação que recusara.

Noé e o resto dos animais assistiam mudos àquele duelo entre Vicente e Deus. E no espírito claro ou brumoso de cada um, este dilema, apenas: ou se salvava o pedestal que sustinha Vicente, e o Senhor preservava a grandeza do instante genesíaco - a total autonomia da criatura em relação ao criador -, ou, submerso o ponto de apoio, morria Vicente, e o seu aniquilamento invalidava essa hora suprema. A significação da vida ligara-se indissolúvelmente ao acto de insubordinação. Porque ninguém mais dentro da Arca se sentia vivo. Sangue, respiração, seiva de seiva, era aquele corvo negro, molhado da cabeça aos pés, que, calma e obstinadamente, pousado na derradeira possibilidade de sobrevivência natural, desafiava a onipotência.

Três vezes uma onda alta, num arranco de fim, lambeu as garras do corvo, mas três vezes recuou. A cada vaga, o coração frágil da Arca, dependente do coração resolutivo de Vicente, estremeceu de terror. A morte temia a morte.

Mas em breve se tornou evidente que o Senhor ia ceder. Que nada podia contra aquela vontade inabalável de ser livre.

Que, para salvar a sua própria obra, fechava, melancolicamente, as comportas do céu.

